



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO  
FACULDADE DE LETRAS**

*Le Disciple* de Paul Bourget, romance de tese e romance psicológico, no Brasil do final do século XIX e início do século XX

Rio de Janeiro  
2020

**MARINA BARROS SILVA**

*LE DISCIPLE* DE PAUL BOURGET, ROMANCE DE TESE E ROMANCE  
PSICOLÓGICO, NO BRASIL DO FINAL DO SÉCULO XIX E INÍCIO DO SÉCULO XX

Monografia submetida à Faculdade de  
Letras da Universidade Federal do Rio de  
Janeiro, como requisito parcial para  
obtenção do título de Bacharel em Letras  
na habilitação Português/Francês.

Orientador: Prof. Dr. Pedro Paulo Garcia Ferreira Catharina.

Rio de Janeiro  
2020

Silva, Marina Barros.

*Le Disciple* de Paul Bourget, romance de tese e romance psicológico, no Brasil do final do século XIX e início do século XX/Marina Barros Silva. – 2020.

40 f.

Orientador: Pedro Paulo Garcia Ferreira Catharina.

Monografia (graduação em Letras habilitação Português-Francês) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Centro de Letras e Artes, Faculdade de Letras.

Bibliografia: f. 39.

1. Paul Bourget. 2. *Le Disciple*. 3. Romance de tese. 4. Romance psicológico. I – SILVA, Marina. II - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, 2020. III. Título.

CDD

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO.....</b>	<b>5</b>
<b>2. PAUL BOURGET .....</b>	<b>6</b>
<b>3. <i>LE DISCIPLE</i>.....</b>	<b>9</b>
<b>3.1. Romance de tese.....</b>	<b>11</b>
<b>3.2. Brunetière e France na querela de <i>Le Disciple</i>.....</b>	<b>14</b>
<b>3.3. Romance psicológico.....</b>	<b>17</b>
<b>4. <i>LE DISCIPLE</i> EM TERRAS BRASILEIRAS.....</b>	<b>20</b>
<b>4.1. <i>O discípulo</i> e <i>A Federação gaúcha</i>.....</b>	<b>21</b>
<b>4.2. Circulação do romance impresso.....</b>	<b>23</b>
<b>4.3. <i>O discípulo</i> nas telas brasileiras.....</b>	<b>27</b>
<b>5. CONCLUSÃO.....</b>	<b>37</b>
<b>6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>39</b>

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

<b>Figura 1:</b>	<b>Esquema retirado e traduzido do livro <i>Le Roman à thèse ou l'autorité fictive</i>. .....</b>	<b>11</b>
<b>Figura 2:</b>	<b>Prefácio de <i>Le Disciple, Le Figaro</i>. .....</b>	<b>13</b>
<b>Figura 3:</b>	<b>Anatole France. “La Vie littéraire”. <i>Le Temps</i>. .....</b>	<b>15</b>
<b>Figura 4:</b>	<b>Distribuição das ocorrências relacionadas a <i>Le Disciple/O discípulo</i> por década e estado. ....</b>	<b>21</b>
<b>Figura 5:</b>	<b>Anúncio da Livraria do Globo. <i>A Federação</i>. .....</b>	<b>25</b>
<b>Figura 6:</b>	<b>Anúncio da Livraria. <i>Il Pasquino coloniale</i>. .....</b>	<b>26</b>
<b>Figura 7:</b>	<b>Cartaz de lançamento do filme <i>Il Discepolo</i>, de 1917. ....</b>	<b>28</b>
<b>Figura 8:</b>	<b>Anúncio do filme <i>O discípulo</i> no Polytheama, do Amazonas. <i>Jornal do Commercio</i>. ....</b>	<b>29</b>
<b>Figura 9:</b>	<b>Anúncio do filme <i>O discípulo</i> no Cinema Teatro São Luís, do Maranhão. <i>Pacotilha</i>. ....</b>	<b>30</b>
<b>Figura 10:</b>	<b>Anúncio do filme <i>O discípulo</i> no Cinema Ideal, do Rio de Janeiro. <i>A Época</i>. ....</b>	<b>30</b>
<b>Figura 11:</b>	<b>Anúncio do filme <i>O discípulo</i> no Cinema Royal, de Pernambuco. <i>A Província</i>. ....</b>	<b>31</b>
<b>Figura 12:</b>	<b>Anúncio do filme <i>O discípulo</i> no Cine Palais, do Rio de Janeiro. <i>Correio da Manhã</i>. ....</b>	<b>32</b>
<b>Figura 13:</b>	<b>Anúncio do filme <i>O discípulo</i> no Cinema Theatro São Luiz, do Maranhão. <i>O Jornal</i>. ....</b>	<b>33</b>
<b>Figura 14:</b>	<b>Anúncio do filme <i>O discípulo</i> no Cine Palais, do Rio de Janeiro. <i>A Noite</i>. ....</b>	<b>35</b>

## 1. INTRODUÇÃO

Lançado em volume em junho de 1889 na França, o romance *Le Disciple* marcaria o início de uma mudança na produção de Paul Bourget. O escritor, que já detinha certa fama naquele momento, havia, inicialmente, flertado com a poesia parnasiana e simbolista, depois, se inclinado em direção à prosa naturalista e, por fim, encontrou mais desenvoltura nos romances de análise psicológica. Após a escrita de *Le Disciple*, passaria a empenhar-se com mais afinco na feitura dos romances de tese, propagando ideias conservadoras e religiosas com as quais passara a se identificar.

Além de ter uma trama controversa, com dramas morais e episódios violentos, *Le Disciple* saiu em volume acompanhado por um prefácio que causou polêmica na época. Ao responsabilizar, ao longo do romance e no paratexto do livro, os intelectuais pelas ideias que difundem, Bourget não causou apenas uma reflexão da sociedade sobre o assunto, ele também suscitou o debate de pessoas públicas acerca da temática.

Como indica a noção de “comunidade letrada transnacional”, *Le Disciple*, como outros impressos, não circulou apenas na França, nem se limitou ao Velho Continente, chegando ao território brasileiro. Sendo assim, esta monografia se propôs a observar e mapear a presença desse romance de Paul Bourget no Brasil através da pesquisa de fontes primárias – no caso, periódicos publicados no final do século XIX e início do século XX.

Procuramos por ocorrências do termo “Bourget” nos jornais e revistas disponíveis na Hemeroteca Digital Brasileira da Fundação da Biblioteca Nacional, filtrando os resultados para obter os que se referiam apenas ao romance estudado, com o objetivo de entender em quais lugares do Brasil e em quais suportes *Le Disciple* podia ser encontrado na época e, conseqüentemente, perceber o quanto a obra foi difundida e seu alcance de público. Foram encontrados anúncios e notícias que indicam que *Le Disciple* circulou no Brasil em sua língua original e em traduções, em livros e em folhetins e mesmo em outras mídias, como o cinema.

Acreditamos que nossa pesquisa contribua para o enriquecimento dos estudos de literatura francesa no Brasil, especialmente na perspectiva de uma cultura partilhada entre a França e nosso país, vendo o campo literário brasileiro com maior complexidade de agentes e objetos culturais e mais integrado internacionalmente. Sua relevância também se justifica por dar evidência a Paul Bourget, um escritor que, hoje em dia, é pouco estudado e raramente lido, mesmo na França.

## 2. PAUL BOURGET

Figura muito presente na alta sociedade parisiense das últimas décadas do século XIX, Paul Charles Joseph Bourget nasceu em Amiens, em 1852, filho de Anne Adèle Valentin e François Marie Justin Bourget. Perdendo sua mãe ainda criança, foi criado por seu pai e sua madrasta, Marie Nicard, em Clermont-Ferrand, onde seu pai lecionava matemática. Na adolescência, mudou-se para Paris com sua família, por questões profissionais de seu pai, que passou a trabalhar no Collège Sainte-Barbe, onde Bourget também estudou. Foi ainda aluno do Lycée Louis-le-Grand e formou-se licenciado em Letras.

Começou sua trajetória literária como poeta, sendo a antologia *Au bord de la mer* (1872) seu primeiro livro publicado. No ano seguinte, passa a se aventurar no gênero literário mais popular da época: o romance. *Sans Dieu* foi sua primeira tentativa no gênero, feita em 1873, mas nunca saiu da forma manuscrita. Outro projeto de romance, *La Passion d'Armand Cornélis*, escrito entre 1877 e 1878, só foi realmente publicado em 1903 pela editora Plon-Nourrit. Sendo assim, será apenas em 1885 que o escritor se lançará como romancista, com *Cruelle énigme* pela Editora Lemerre.

Bourget também escreveu, como jornalista, ensaísta e cronista, para jornais e revistas como *Renaissance littéraire et artistique*, *Revue des Deux Mondes*, *Nouvelle Revue*, *L'Illustration*, *Globe* e *Parlement*. Uma série de ensaios críticos que saíram no *Parlement* foram ainda reunidos no livro *Essais de psychologie contemporaine*, com textos sobre grandes escritores como Charles Baudelaire (1821-1867), Ernest Renan (1823-1892), Gustave Flaubert (1821-1880), Hippolyte Taine (1828-1893) e Stendhal (1783-1842). Mais conhecido como romancista, podemos destacar algumas de suas obras como *Cruelle énigme* (1885), *Un crime d'amour* (1886), *Mensonges* (1887), *Le Disciple* (1889), e *L'Étape* (1902). Escreveu seu último romance, *Le Diamant de la reine*, em 1932.

Esteve, ainda, no teatro, tendo alguns de seus romances e novelas adaptados para este meio e até mesmo escrevendo obras originalmente para os palcos. Entre 1896 e 1909, os romances *Une Idylle tragique* (1896), *Un divorce* (1904) e *L'Émigré* (1907) e a novela *Le Luxe des autres* (1900) ganharam adaptações para os teatros. *Une Idylle tragique* foi a única obra cuja transmidiação<sup>1</sup> (BLETON, 2008) para peça, em 1896, não teve participação de Bourget. As adaptações seguintes, que aconteceram em 1902 e 1908, contaram com o autor na sua feitura – sozinho ou em parceria com outros escritores. Em 1910, Bourget escreve *La Barricade*,

---

<sup>1</sup> Entende-se por transmidiação o processo da adaptação de uma obra de uma mídia a outra.

*chronique de 1910*, primeira obra originalmente escrita já como peça de teatro. Outras peças de destaque na sua carreira de dramaturgo são *Un Cas de conscience* (1910), *Le Tribun* (1911) e *La Crise* (1912).

Algumas de suas obras alcançaram ainda as telas de cinema, como os filmes *O discípulo*, lançado em janeiro de 1917 pela Corona Film com direção de Giuseppe Giusti, *Cosmopolis*, dirigido por Gaston Revel e produzido pela Società Italiana Cines e *Némésis*, com direção de Carmine Gallone, produzido pela Unione Cinematografica Italiana, ambas em 1920. O romance *L'Écuyère* fugiu do domínio das montagens italianas, ganhando uma adaptação cinematográfica em 1922 pela produtora francesa Pathé, com direção de Léonce Perret.

Além da literatura, do teatro e do cinema, a obra de Bourget também migrou para a música. Alguns de seus poemas foram musicados por grandes nomes, como Georges Brun, Liza Lehmann, Charles Koechlin e Claude Debussy. O compositor de *Claire de lune* foi quem mais musicou poemas de Bourget. Em um obituário de Debussy publicado na edição nº 94 do *Diário de Pernambuco* em 08 de abril de 1918, Bourget é apontado (junto a Verlaine e Baudelaire) como um poeta que inspirava o músico. *Beau soir*, da coletânea de poesias *Les Aveux*, de 1882, é um dos poemas de Bourget musicados por Debussy, que ganhou também uma versão cantada por Barbra Streisand, em seu álbum *Classical Barbra*, lançado em 1976.

Ao longo da vida, a edição dos livros do escritor esteve majoritariamente nas mãos duas casas editoras: Lemerre e Plon-Nourrit. Alphonse Lemerre começou a cuidar das publicações de Bourget ainda em sua fase de poeta. Seu primeiro livro publicado, *La Vie inquiète*, saiu em 1875 pela editora Lemerre, que o acompanharia em seus muitos outros livros lançados. Entretanto, em 1886, escritor e editor precisaram solucionar no tribunal um caso mal resolvido de propriedade literária. Alphonse Lemerre vendia edições de *Cosmopolis* na América do Norte sem que Bourget soubesse ou recebesse qualquer pagamento por essas vendas. Depois de processar Lemerre e ganhar a causa, Bourget passou a publicar suas obras pela editora Plon-Nourrit.

Bourget não somente alcançou um grande número de leitores, como também o reconhecimento de instituições como a *Académie française* e a *Ordem Nacional da Légion d'honneur*. Nesta, foi primeiramente nomeado Cavaleiro em 1889, com promoções a Oficial, Comendador e Grande Oficial, em 1895, 1923 e 1931, respectivamente. Em 1935, quatro meses antes de sua morte, foi finalmente condecorado com o mais alto título da organização, obtendo a Grã-Cruz da ordem.

Sua história com a *Académie Française* é mais antiga que sua entrada como membro da instituição. Em 1885, o escritor ganhou o *Prix Vitet*, prêmio de literatura e filosofia da fundação



acadêmica de mesmo nome. Nove anos depois, tornou-se um dos Imortais, aos 43 anos, no dia 13 de maio de 1894, quando foi eleito para a trigésima terceira cadeira da instituição, que antes era ocupada por Maxime du Camp. A cerimônia de sua posse aconteceu no ano seguinte, no dia 13 de junho de 1895.

Paul Bourget acumulou muitas atividades e experiências ao longo de seus 83 anos de vida. Além das facetas literárias e artísticas, sua própria história tem episódios que poderiam estar em um romance. Em 1926, durante o período no qual Bourget ocupou um dos postos de conservador dos domínios de Chantilly e do Museu Condé, o diamante rosa Grand Condé, uma das peças mais importantes do acervo do museu, foi levado em um grande roubo.

Esse não foi o único crime no qual o escritor se viu envolvido: anos antes, em 1914, Bourget foi testemunha do assassinato de Gaston Calmette, o então diretor do jornal *Le Figaro*, cometido por Henriette Caillaux, mulher do então Ministro das Finanças da França, Joseph Caillaux, numa reação contra a oposição do famoso jornal às políticas de seu marido. Ao escritor, coube participar do processo testemunhando contra Caillaux, como noticiado pela imprensa da época.

Apesar de internacionalmente célebre, Bourget era muito reservado. Por isso, não se sabe muito de sua vida pessoal além de seu casamento com Minnie David, filha de uma família de armadores do litoral da Bélgica, ocorrido em 1890. De sua viagem de lua de mel na Itália, Bourget escreveu *Sensations d'Italie* (1891). Os dois foram casados por 42 anos, até a morte de Minnie Bourget em 1932. Viúvo, Bourget ainda viveu mais três anos, até 1935, quando adoeceu. Depois de certo tempo acamado, faleceu em sua residência em Paris, no dia 25 de dezembro daquele ano.

Associado ao romance psicológico, Bourget oscila entre outros subgêneros, principalmente o romance naturalista, visto como oposto ao romance psicológico a princípio, mas com margem para questionamentos sobre suas fronteiras. Muitos de seus romances também receberam outra classificação genérica: romances de tese, apesar de o próprio escritor não concordar com essa definição, preferindo o termo “romance de ideias”. Um bom exemplo disto é *Le Disciple*, romance visto como um ponto de mudança na obra do escritor, e sobre o qual nos debruçaremos nesta monografia.

### 3. LE DISCIPLE

Em 1889, saía na revista quinzenal parisiense *La Nouvelle Revue* o romance *Le Disciple*, escrito por Paul Bourget. O romance foi dividido em seis partes, ao longo de quatro meses. A primeira foi publicada na edição de primeiro de fevereiro. A segunda, em 15 de fevereiro. As partes seguintes foram sendo publicadas respeitando o intervalo de quinze dias das edições da revista, exceto no mês de abril, quando os leitores só puderam ler a quinta parte, saída no dia primeiro daquele mês, já que a edição seguinte, do dia 15, não contou com o texto de Bourget. Na edição do dia primeiro de maio, finalmente o romance ganhou seu desfecho.

Ainda naquele ano, a Editora Lemerre publicou a obra em volume, vendendo mais de 20 mil exemplares em menos de dois meses. O romance ganhou novas edições posteriormente: em 1899, foi reeditado pela casa Plon et Nourrit; em 1911 foi publicado como o número 14 da *Grande Collection* da Editora Nelson – edição à qual se atribui o aumento de sua difusão, tendo saído em formato menor e sido vendido por apenas 3 francos<sup>2</sup>. Em 1925, por outro lado, foi publicado em edição de luxo, ilustrada por André Fournier, e lançado por Henry Cyral Éditeur em sua *Collection française*.

O romance – com características dos subgêneros romance psicológico e romance de tese, como outras obras de Paul Bourget – causou grande impacto na literatura e sociedade francesa finissecular. Victor Giraud, crítico da época, registrou no artigo “Esquises contemporaines – M. Paul Bourget”, publicado na *Revue des Deux Mondes* em 15 de fevereiro 1911, como *Le Disciple* foi recebido por seus contemporâneos:

*Le Disciple* é um marco na história intelectual e moral da França do último século. Não sei se os jovens que leem esse livro hoje em dia se questionam sobre o que ele foi para nós, que tínhamos vinte anos quando ele apareceu, e mesmo para alguns dentre os mais velhos, quando ele surgiu. Eles sabem vagamente, talvez, esses jovens, que este livro suscitou uma intensa polêmica entre o Sr. [Anatole] France e Ferdinand Brunetière<sup>3</sup>. Mas, se lhes disséssemos que, na vida interior de uma boa parte de nós, este simples romance teve uma influência única e decisiva, eles provavelmente se espantariam, talvez dessem um sorriso, mas não entenderiam. (GIRAUD, 1911, p. 831)<sup>4</sup>

<sup>2</sup> A Editora Nelson, de origem escocesa, inseriu-se no mercado livreiro francês em 1909 com a proposta de produzir volumes com uma boa relação de custo e benefício. O objetivo foi alcançado, e as coleções da casa de edição eram bem populares, agradando pelo preço baixo aliado à boa qualidade de impressão que os métodos britânicos possibilitavam (COOPER-RICHET, 2001, p. 139). Bourget teve outras duas obras na *Grande Collection: Voyageuses*, em 1917, número 147, e *L'Émigré*, em 1927, número 265.

<sup>3</sup> Victor Giraud se refere, aqui, à *Querelle du Disciple*, assunto que será explicado posteriormente.

<sup>4</sup> “*Le Disciple* est une date dans l’histoire intellectuelle et morale de la France du dernier siècle. Je ne sais si les jeunes gens qui lisent ce livre aujourd’hui se doutent de ce qu’il a été pour nous qui avions vingt ans quand il vit le jour, et même pour quelques-uns d’entre nos aînés. Ils savent vaguement peut-être, ces jeunes gens, que le livre a soulevé une vive polémique entre M. France et Ferdinand Brunetière. Mais si on leur disait que, dans la vie

Em *Le Disciple*, Bourget conta a história de Robert Greslou, o jovem preceptor de Lucien de Jussat, o caçula da nobre família Jussat-Rondon. O casal de marqueses tinha dois outros filhos, o conde André de Jussat, o mais velho, e Charlotte de Jussat, a filha do meio. Greslou passa a viver na propriedade de campo dos marqueses para cumprir sua função de educar o jovem menino.

Entretanto, Greslou era grande admirador de Adrien Sixte, filósofo e psicólogo que havia produzido três livros muito polêmicos recebidos com reprovação por leitores conservadores, mas acolhidos com adoração pela juventude da época. Seus tratados filosóficos, intitulados *Anatomie de la volonté*, *Théorie des passions* e *Psychologie de Dieu*, expunham suas ideias sobre a alma e as vontades humanas, vistas por Sixte como possíveis objetos de estudo, pelo método científico; sobre a reconciliação entre ciência e religião, considerada impossível pelo filósofo, mesmo que exista uma parte desconhecida da vida e do universo que a ciência não consegue explicar; sobre a sensibilidade humana, a qual Adrien entende de maneira semelhante à teoria da evolução – explicação que lhe confere uma origem animal, como se fossem evoluções dos impulsos instintivos. Sua filosofia, como exemplificada acima, é ateia, científicista, materialista e determinista.

E assim, com a mente povoada de ideias adquiridas pela leitura dos livros de Sixte, Greslou resolve fazer um experimento psicológico. Para testar as vontades e paixões humanas, seguindo a filosofia de seu mestre, Robert Greslou envolveu Charlotte de Jussat em um relacionamento que não passava de um estudo. Os dois acabam se apaixonando, mas seu amor é proibido, pois a moça está noiva de outro homem, e a família Jussat-Rondon nunca aceitaria um plebeu como genro. Apesar de tudo isso, o casal decide viver a relação e dormem juntos, combinando um suicídio duplo em seguida.

Contudo, Greslou, dividido entre seu lado cientista e seu lado apaixonado, desiste de se matar e tenta convencer Charlotte a fazer o mesmo. A jovem, no entanto, querendo manter sua honra após já ter se entregado ao rapaz, não volta atrás em sua decisão. Retorna ao seu quarto, toma o veneno, escreve uma carta para seu irmão mais velho contando todo o acontecido e deita-se para esperar a morte. Greslou, o principal suspeito, é preso acusado de assassinar a moça.

---

intérieure de nombre d'entre nous, ce simple roman a eu une influence unique et décisive, ils s'étonneraient sans doute, souriraient peut-être, et ne comprendraient pas." Todas as traduções dos textos originalmente em francês, e do cartaz originalmente italiano (da seção 4.2) são nossas.

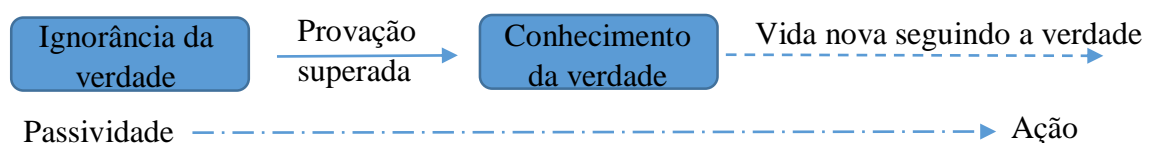
Sabendo de toda a história, Adrien Sixte percebe sua responsabilidade sobre o crime e vai ao tribunal defender Greslou, que acaba sendo absolvido. Porém, momentos após o julgamento, André de Jussat vinga sua irmã. O conde faz justiça com as próprias mãos, matando Robert Greslou com um tiro. Na cena final do romance, velando o corpo do rapaz, Adrien Sixte, antes ateu, reza pela alma de seu discípulo.

### 3.1. Romance de tese

Susan Suleiman, no livro *Le Roman à thèse ou l'autorité fictive* (1983), define romance de tese como “um romance ‘realista’ (baseado em uma estética de verossimilhança e representação) que se mostra ao leitor como, acima de tudo, um portador de um ensinamento, que tende a demonstrar a verdade de uma doutrina política, filosófica, científica ou religiosa”. Geralmente, obras com esse foco de veiculação de uma ideia são de simples compreensão, evitando interpretações diversas que permitam leituras outras além do pensamento do autor. Para isto, o autor cria na trama seu próprio sistema de bem e de mal, recompensando o herói que segue o bom exemplo com um final feliz, e punindo o personagem que segue o mau exemplo. Daí o leitor depreende o que seria certo ou errado.

Robert Greslou, protagonista de *Le Disciple*, representa o herói que ensina pelo exemplo negativo. Como nota Jean Borie em “Esquisse d’une étude littéraire du *Disciple* de Paul Bourget”, capítulo que escreveu para o livro de Fougère e Sangsue (2007), em *Le Disciple* há duas figuras-modelo opostas: o psicólogo e filósofo ateu Andrien Sixte e André de Jussat, irmão de Charlotte, que é conde, cavalheiro e católico. No sistema de Bourget, Sixte é o modelo negativo e André o positivo. Greslou, que resolve seguir o modelo negativo, acaba pagando com sua vida.

Estudando os chamados romances de tese – como *Les Déracinés* (1897) de Maurice Barrès, *L'Étape* (1902) do próprio Bourget, *Vérité* (1903) de Émile Zola, *Les Beaux quartiers* (1936) de Louis Aragon, e *Aden Arabie* (1931) de Paul Nizan –, Susan Suleiman construiu um esquema (Figura 1) que resume como se dá o aprendizado positivo do herói:



**Figura 1:** Esquema retirado e traduzido do livro *Le Roman à thèse ou l'autorité fictive*, 2018, p. 86.

Nesse esquema, a provação superada acontece ainda em um momento de passividade do herói, o que significa que não corresponde a um obstáculo vencido por ele, ou algo do tipo. Na verdade, Suleiman afirma que é um ato de interpretação que o herói faz aqui. Ao passar por situações e depois refletir sobre o que nelas ocorreu, compreendendo bem o acontecido, o herói descobre a verdade. Dessa forma, o esquema mostra não apenas como o herói aprende, mas como o leitor do romance de tese aprende.

Pensando no esquema, podemos nele enquadrar a vida do personagem Sixte: no início do romance, o filósofo vive alheio ao mundo, escreve seus livros com pensamentos materialistas e cientificistas sem pensar nas consequências que eles poderiam acarretar (ignorância da verdade); em seguida, descobre que a leitura de sua obra motivou um experimento que levou à morte de uma jovem (provação superada), percebendo sua responsabilidade como escritor daquele conteúdo (conhecimento da verdade); no fim do livro, vemo-lo arrependido e rezando (indicando a vida nova, abandonando a filosofia materialista).

Sendo assim, em *Le Disciple* podemos pensar em dois movimentos de aprendizado. O primeiro, dentro do texto do romance, é o de Sixte que, lendo o relato de Greslou e, depois, testemunhando sua consequência, conhece a “verdade”, reconhece sua culpa e muda sua conduta. O segundo é o do leitor do romance, que lê o relato de Greslou junto a Sixte e tem ainda o ensinamento reforçado pela atitude de aprendizado e mudança do próprio mestre. Greslou, por sua vez, apesar de ser o “discípulo”, não chegou a concluir o aprendizado, já que teve sua vida abreviada por André de Jussat.

Bourget reforça a crítica imbuída em *Le Disciple* com o prefácio que acompanha a obra, escrito em 5 de junho de 1889, publicado na edição da editora Lemerre. No texto, o escritor adianta a tese a ser apresentada pelo romance: a responsabilidade dos intelectuais sobre sua produção e as suas consequências. O prefácio chegou a ser publicado pelo jornal *Le Figaro* (Figura 2), na capa da edição nº 168, no dia 17 de junho de 1889. Além de evidenciar o alinhamento do texto ao caráter conservador do jornal, a publicação em um dos periódicos de maior alcance na França provavelmente difundiu a discussão para um público muito maior do que os leitores do romance.

25<sup>e</sup> Année — 2<sup>e</sup> Série — Numéro 168

Le Numéro : 15 cent. à Paris, 30 cent. dans les Départements.

Le 17 Juin 1889

FRANCIS MAGNARD  
Médaille de 1<sup>er</sup> Ordre  
Auteur de la Bibliothèque  
de la Bibliothèque de la Bibliothèque  
de la Bibliothèque de la Bibliothèque

GRAND PRIX DE PARIS

# LE FIGARO

H. DE VILLEMESSANT  
Fondateur  
FERNAND DE ROCAYS  
Administrateur

Paris, le 17 Juin 1889

18 n. n.  
Département : 10 n. n.  
Droits de la Presse : 21 n. n.  
Publicité : 10 n. n.  
R. M. 1889

---

## LE DISCIPLE

La Bible. Les deux premiers livres du Pentateuque. Le livre de la Genèse. Le livre de l'Exode. Le livre du Lévitique. Le livre des Nombres. Le livre de Deutéronne.

**A UN JEUNE HOMME**

Cher à toi qui es si jeune et si vaillant, je t'offre ce livre. C'est un livre qui te montrera l'origine de ta race et de ta patrie. C'est un livre qui te montrera l'histoire de ton peuple et de ton Dieu. C'est un livre qui te montrera la grandeur de ta mission et de ta destinée.

Mais les autres livres. Elle l'a lu, et elle a vu que c'était un livre qui était écrit pour elle. Elle a vu que c'était un livre qui était écrit pour elle. Elle a vu que c'était un livre qui était écrit pour elle.

**Le Disciple**

Il est si jeune et si vaillant, qu'il a voulu savoir tout ce qu'il y avait dans ce livre. Il a voulu savoir tout ce qu'il y avait dans ce livre. Il a voulu savoir tout ce qu'il y avait dans ce livre.

**Le Disciple**

Il est si jeune et si vaillant, qu'il a voulu savoir tout ce qu'il y avait dans ce livre. Il a voulu savoir tout ce qu'il y avait dans ce livre. Il a voulu savoir tout ce qu'il y avait dans ce livre.

---

## ECHOS

**LA POLITIQUE**

Les élections ont été très intéressantes. Elles ont montré que le peuple est très attaché à ses droits et à sa liberté. Elles ont montré que le peuple est très attaché à ses droits et à sa liberté.

**Le Disciple**

Il est si jeune et si vaillant, qu'il a voulu savoir tout ce qu'il y avait dans ce livre. Il a voulu savoir tout ce qu'il y avait dans ce livre. Il a voulu savoir tout ce qu'il y avait dans ce livre.

---

## NOUVELLES A LA MAIN

Une jeune fille a écrit un livre qui a été très apprécié. Elle a écrit un livre qui a été très apprécié. Elle a écrit un livre qui a été très apprécié.

**Le Disciple**

Il est si jeune et si vaillant, qu'il a voulu savoir tout ce qu'il y avait dans ce livre. Il a voulu savoir tout ce qu'il y avait dans ce livre. Il a voulu savoir tout ce qu'il y avait dans ce livre.

---

## ELECTIONS SENA TORIALES

Les élections ont été très intéressantes. Elles ont montré que le peuple est très attaché à ses droits et à sa liberté. Elles ont montré que le peuple est très attaché à ses droits et à sa liberté.

**Le Disciple**

Il est si jeune et si vaillant, qu'il a voulu savoir tout ce qu'il y avait dans ce livre. Il a voulu savoir tout ce qu'il y avait dans ce livre. Il a voulu savoir tout ce qu'il y avait dans ce livre.

---

## LES DERNIERS PARIS

Les élections ont été très intéressantes. Elles ont montré que le peuple est très attaché à ses droits et à sa liberté. Elles ont montré que le peuple est très attaché à ses droits et à sa liberté.

**Le Disciple**

Il est si jeune et si vaillant, qu'il a voulu savoir tout ce qu'il y avait dans ce livre. Il a voulu savoir tout ce qu'il y avait dans ce livre. Il a voulu savoir tout ce qu'il y avait dans ce livre.

Figura 2: Prefácio de *Le Disciple*, *Le Figaro*, edição n° 168, 17/06/1889, p. 1.

Paul Bourget, nesse paratexto, dirige-se à juventude francesa, alertando para o perigo dos conteúdos dos livros escritos por seus colegas da mesma época e das anteriores:

É a você, jovem rapaz de meu país, que quero dedicar este livro, a você, que conhece tão bem, embora não saiba nem sua cidade natal, nem seu nome, nem quem são seus pais, nem seu destino e nem suas ambições — nada sei, além de que você tem mais de dezoito anos e menos que vinte e cinco e que vai, procurando em nossos livros — nós, os mais velhos — atrás das respostas para

as perguntas que o atormentam. E das respostas assim encontradas nesses livros depende um pouco sua vida moral, depende um pouco sua alma – e sua vida moral é a vida moral da própria França; sua alma é a alma da França. Vinte anos mais tarde, você e seus irmãos, vocês terão nas mãos o destino desta velha pátria, nossa mãe comum. Vocês serão a própria pátria. O que você terá retirado, o que vocês terão retirado de nossas obras? Ao pensar nisso, não há homem de letras honesto, por mais insignificante que seja, que não deva tremer com esta responsabilidade. (BOURGET, 1889, p. 10-11)<sup>5</sup>

A figura do filósofo Sixte representa o intelectual da época de Bourget, que populariza o conjunto de pensamentos em alta – como o positivismo, o determinismo, o abandono do catolicismo pela ciência, etc. – sem pensar no efeito que isso possa ter nos seus leitores. Em uma primeira leitura mais superficial, e sabendo que em alguns anos Bourget se converteria ao catolicismo, pode parecer que a única ideia que Bourget queria veicular eram as ideias morais da Igreja Católica. Mas ele quer, principalmente, suscitar um senso de responsabilidade naqueles que escrevem, como vimos no prefácio, e como podemos perceber ao longo do romance e pelo desfecho da trama.

Essa é a tese mais relevante desse romance, que chegou a levantar discussões entre aqueles que a defendiam e os que se posicionavam contra ela. Exemplo disso, a *Querelle du Disciple* foi um debate entre Ferdinand Brunetière e Anatole France – o primeiro, a favor da tese de Bourget e, o segundo, contra –, discussão que pôde ser acompanhada pelos leitores dos periódicos *Revue des Deux Mondes* e *Le Temps* no final de junho e em julho de 1889, mês seguinte do lançamento do romance (AUTIN, 1930).

### 3.2. Brunetière e France na querela de *Le Disciple*

No dia 23 de junho de 1889, Anatole France escreveu uma crítica em sua coluna quinzenal “La Vie littéraire” (Figura 3), publicada no jornal *Le Temps*, sobre o romance de Bourget recém-saído em volume. No texto, ele tratou de *Le Disciple* como um todo, abordando a trama e o estilo de Paul Bourget. A tese do romancista sobre a questão da moral e da

---

<sup>5</sup> “C’est à toi que je veux dédier ce livre, jeune homme de mon pays, à toi que je connais si bien quoique je ne sache de toi ni ta ville natale, ni ton nom, ni tes parents, ni ta fortune, ni tes ambitions, — rien sinon que tu as plus de dix-huit ans et moins de vingt-cinq, et que tu vas, cherchant dans nos volumes, à nous tes aînés, des réponses aux questions qui te tourmentent. Et des réponses ainsi rencontrées dans ces volumes, dépend un peu de ta vie morale, un peu de ton âme ; et ta vie morale, c’est la vie morale de la France même, ton âme, c’est son âme. Dans vingt ans d’ici, toi et tes frères vous aurez en main la fortune de cette vieille patrie, notre mère commune. Vous serez cette patrie elle-même. Qu’auras-tu recueilli, qu’aurez-vous recueilli dans nos ouvrages ? Pensant à cela, il n’est pas d’honnête homme de lettres, si chétif soit-il, qui ne doive trembler de responsabilité...”

responsabilidade dos autores não foi ignorada, mas também não ganhou o foco da atenção do crítico, que dedicou apenas o final de seu texto para defender que as ideias devem ser livres e não submetidas à moralidade de então.



Figura 3: Anatole France. “La Vie littéraire”. *Le Temps*, edição n° 10275, 23/06/1889, p. 2.

No mês seguinte, na edição de primeiro de julho do mesmo ano da *Revue des Deux Mondes*, Ferdinand Brunetière também escreve sobre *Le Disciple*. Entretanto, diferentemente de France, Brunetière se posiciona a favor da opinião de Bourget, condenando os que questionam a moral com pensamentos que rompem com o contrato social já estabelecido. Essas ideias revolucionárias motivariam estudos que escapariam às leis morais. Por exemplo, a fala



de Adrien Sixte, usada em sua defesa perante o juiz, sobre não haver “para um filósofo, nem crime nem virtude”, é citada e condenada por Brunetière. Ele acredita que o homem só funciona como parte de uma sociedade (o que implica que ele deva viver de acordo com os costumes que a regem), e que a ciência acaba o aproximando da sua animalidade.

Em resposta ao posicionamento de Brunetière, mesmo ser ter sido citado pelo colunista da *Revue des Deux Mondes*, Anatole France dedicou uma nova coluna a *Le Disciple*, a fim de contra-argumentar em defesa da ciência e do livre pensamento. Em “La Vie littéraire” da edição de 7 de julho de *Le Temps*, France apontou que as novas ideias de hoje provavelmente constituirão as leis morais de amanhã. Nas suas palavras, “as ideias sobre as quais repousam a sociedade hoje em dia foram subversivas antes de serem tutelares” (FRANCE, 1889, p. 2.). Sendo assim, deveríamos deixar as doutrinas surgirem livremente, permitindo que se formulem e se divulguem novas ideias. France menciona ainda o “darwinismo sistemático”, afirmando que o medo que ele desperta em Brunetière é insensato, já que não acredita que a ciência possa levar a humanidade de volta à barbárie.

Na edição de 8 de agosto de *Le Temps*, Anatole France ainda escreveria mais uma coluna sobre o assunto, novamente mencionando Brunetière e suas concepções divergentes sobre moral e ciência. Ele continua a sustentar sua opinião de livre pensamento, afirmando que a criatividade e a capacidade de tudo pensar e tudo dizer são as grandezas do ser humano. Reafirma que a moral se renova a cada época, portanto não cabe a nós julgar o futuro. Anatole France lembrou sua querela uma outra vez no seu livro *La Vie littéraire*, quando reúne textos de sua coluna em volume pela editora Calmann-Lévy, em 1891.

Quando *Le Disciple* completou 20 anos de lançamento na França, o jornal *Diário do Maranhão* trouxe na sua edição nº 10840, publicada no dia 25 de agosto de 1909, a notícia da celebração ocorrida em Paris. A reflexão apontada no jornal maranhense sobre como se desenvolveu a geração à qual Paul Bourget se dirigiu no prefácio do romance nos 20 anos decorridos até então talvez seja indício de que a querela tenha ecoado também entre os leitores dos periódicos brasileiros – e que continuasse a ecoar ainda em 1909. No texto, o nome de Anatole France permanecia associado ao assunto:

[...] de 1889 pra cá, se dividem os moços em dois grupos que se podem simbolizar – um em Anatole France, outro em Jules Lemaitre e Maurice Barrès. O primeiro caminhou, mais e mais, para a anarquia; o segundo dirigiu-se progressivamente para o tradicionalismo.<sup>6</sup>

---

<sup>6</sup> *Diário do Maranhão*, Maranhão, 25/08/1909, edição nº 10840, p. 1.

### 3.3. Romance psicológico

Paul Bourget foi um dos maiores nomes no romance psicológico francês, movimento literário que, segundo Rémy Ponton, surge como uma resposta ao romance naturalista, dominante na França nas últimas décadas do século XIX. No momento que o naturalismo atinge um grande público, a poesia simbolista agrada à crítica, mas não alcança nem de longe a popularidade do romance junto aos leitores. Um grupo de escritores pertencentes à elite intelectual irá, então, adotar o formato da narrativa romanesca, que antes desprezavam, tentando elevar o romance ao nível da poesia. Mesmo sendo uma espécie de reação, o romance psicológico apresenta muitas semelhanças com a estética naturalista, entretanto não retrata o operário, ou a prostituta, mas barões, marquesas e condes.

Em “*Naissance du roman psychologique*” (1975), Ponton também entende o romance psicológico pelo viés sociológico. Ele mostra o caráter elitista desse movimento que não se interessa por personagens das classes desfavorecidas e que reúne, em sua grande maioria, escritores de grande capital social, nascidos em famílias ricas e cultas. Ponton mostra que todos estudaram em colégios renomados e cresceram em ambientes culturalmente ricos, completaram o ensino superior e frequentavam os salões da alta sociedade.

Também chamados de “romance de análise”, essas obras priorizam os dramas de consciências dos personagens sobre a ação em si. Por meio do discurso indireto livre e do monólogo interior, o romancista demonstra o desenrolar dos pensamentos dos personagens, bem como seus sentimentos e atitudes que tomarão a partir desses pensamentos:

‘Bem’, disse ele a si mesmo, ‘imitemos os geômetras, admitamos como verdade o que sabemos ser falso... Procedamos pelo absurdo. Sim, o homem é uma causa, e uma causa livre. Então, ele é responsável... Que seja. Mas quando, onde, como agi mal? Por que tenho remorso em relação a esse bandido? Qual é meu erro?’ (...) Mais tarde, quando ele começou a refletir, o que ele havia amado? O que havia desejado? A verdade. Quando ele havia pegado na pena, por que ele havia escrito, para servir qual causa, senão a verdade? À verdade ele havia tudo sacrificado: fortuna, posição, família, saúde, amores, amizades. E o que pregava o próprio Cristianismo, a doutrina mais imbuída das ideias contrárias às suas? ‘Paz na terra aos homens de boa vontade’, ou seja, àqueles que buscaram a verdade. (BOURGET, 1889, p. 324)<sup>7</sup>

<sup>7</sup> “‘Hé bien!’ se dit-il, ‘imitons les géomètres, admettons comme vrai ce que nous savons être faux... Procédons par l'absurde. Oui, l'homme est une cause, et une cause libre. Donc il est responsable... Soit. Mais quand, où, comment ai-je mal agi ? Pourquoi ai-je des remords à propos de ce scélérat ? Quelle est ma faute ?...’ (...) Plus tard, quand il avait commencé de penser, qu'avait-il aimé, qu'avait-il voulu ? La vérité. Quand il avait pris la plume,

A passagem em destaque foi retirada do capítulo de *Le Disciple* intitulado “Tormento de ideias”. Neste ponto da trama, Adrien Sixte já teve sua vida revirada pela leitura dos escritos de Robert Greslou. No trecho, podemos perceber que o filósofo conversa consigo mesmo, repensando seus atos para, mais tarde, perceber sua culpa. O monólogo interior, no início, chega a se intensificar tanto que as reflexões do personagem transpassam a narrativa em terceira pessoa, terminando o excerto em um discurso indireto livre – quando não reconhecemos mais a narração imparcial, mas a voz do próprio Sixte falando mais alto.

Em *Le Disciple*, Bourget utiliza também o narrador em primeira pessoa, outra ferramenta recorrente do romance psicológico. O texto começa e termina na narração em terceira pessoa, mas, internamente, Bourget criou uma estrutura que possibilitou a aparição do narrador em primeira pessoa. O romance é composto por seis capítulos, mas a maior parte do volume – 227 páginas de um total de 359 – é ocupada pelo quarto capítulo, chamado “Confissões de um rapaz de hoje em dia”.

Trata-se do relato de Greslou, texto que será lido por Adrien Sixte, acompanhado por todos que lerem o romance. É uma *mise en abyme*, uma narrativa dentro de outra, que reflete a outra – uma escrita por Bourget e outra por Robert Greslou. Na sua narrativa, o protagonista relata toda sua história, além da origem e desenvolvimento dos seus pensamentos. Assim, Paul Bourget incluiu a narração em primeira pessoa, intensificando a exposição do processo mental e dos conflitos internos.

Muito do naturalismo é encontrado no romance psicológico, que também seguia uma estética de representação do real. Como apresentado por Marie-Ange Fougère em “Une postérité naturaliste inavouable: le roman psychologique” (2016), o tema da hereditariedade, muito associado ao naturalismo, também foi bastante explorado pelos romancistas psicológicos. Em *Le Disciple*, a hereditariedade tem papel importante. Por exemplo, Greslou evidencia em seu relato a maneira como as características que herdara dos pais formaram sua personalidade – um dos fatores que, somado à influência de Sixte, propiciou seu envolvimento na morte de Charlotte. No caso de Sixte, cada hora de seu dia é determinada por uma rotina pontual, e podemos ver neste ponto um traço de seu pai relojoeiro.

---

pourquoi avait-il écrit, pour servir quelle cause, sinon la vérité ? A la vérité, il avait tout sacrifié : fortune, place, famille, santé, amours, amitiés. Et qu'enseignait même le Christianisme, la doctrine la plus pénétrée des idées contraires aux siennes ? ‘Paix sur la terre aux hommes de bon vouloir’, c'est-à-dire à ceux qui ont cherché la vérité.”

As ferramentas narrativas também se assemelham, e a grande valorização da descrição é um exemplo disso. O romance psicológico também se alonga bastante na descrição de cenários e personagens, como o romance naturalista. Neste trecho de *O discípulo*, que descreve o cadáver de Charlotte encontrado pelo médico, podemos também perceber que a escolha do léxico de especialidade não difere o romance psicológico da linguagem materialista do naturalismo:

Apesar de o médico chamado às pressas não passar de um humilde clínico do interior, ele não hesitou nem um minuto para reconhecer que o aspecto do cadáver invalidava as hipóteses de uma morte natural. O rosto estava lívido, os dentes serrados, as pupilas extraordinariamente dilatadas, e o corpo, curvado em um arco, repousava sobre a nuca e os calcanhares. Em resumo, estes eram os sinais clássicos de envenenamento por estricnina. (BOURGET, 1889, p. 40)<sup>8</sup>

O processo de concepção e preparação para a escrita do romance psicológico não é muito diferente daqueles praticados por Émile Zola, por exemplo. Bourget também fazia pesquisa de campo para compor suas obras. Além disso, Albert Autin (1930) afirma que, segundo o próprio Bourget divulgou em uma entrevista, foi o *Affaire Barré-Lebiez*, caso de assassinato acompanhado por um amplo público leitor de jornais em 1878, que o inspirou a criar Robert Greslou. O que indica que o *fait-divers* e os casos das colunas policiais e de tribunais serviam de fonte para ambos os movimentos literários.

---

<sup>8</sup> “Quoique le médecin appelé à la hâte ne fût qu'un modeste praticien de campagne, il n'hésita pas une minute à reconnaître que l'aspect du cadavre démentait toute idée d'une mort naturelle. Le visage était livide, les dents serrées, les pupilles dilatées extraordinairement, et le corps, courbé en arc de cercle, reposait sur la nuque et sur les talons. Bref, c'étaient tous les signes de l'empoisonnement par la strychnine.” (BOURGET, 1889, p. 40).

#### 4. LE DISCIPLE EM TERRAS BRASILEIRAS

Nas últimas décadas do século XIX, havia intensa circulação de impressos entre vários países, não só na Europa ou partindo da Europa. Livros recém-lançados em um país chegavam rapidamente a outros países e continentes, bem como jornais e revistas que publicavam não só notícias como também críticas literárias, contos, novelas e romances traduzidos de outras línguas. Era a chamada “comunidade letrada transnacional”, que partilhava um grande fluxo de produções literárias e bens culturais. Segundo Marcia Abreu: “Não apenas havia grandes semelhanças entre os livros presentes nos diversos lugares, como também uma forte sintonia nos discursos críticos produzidos a respeito das obras de prosa ficcional” (ABREU, 2016, p. 365).

A obra de Paul Bourget, que não fugiu à regra de sua época, também circulou por diversos lugares do mundo – em francês e em línguas nacionais variadas –, incluindo o Brasil. O mapeamento da circulação de obras de Paul Bourget no Brasil, através da catalogação de ocorrências de seu nome em periódicos brasileiros<sup>9</sup> publicados entre 1870 e 1939<sup>10</sup>, indica que o escritor esteve presente como elemento importante na composição do mercado livreiro brasileiro, como indicado pelos anúncios de seus livros disponíveis em livrarias por todo o Brasil. Peças de teatro e filmes adaptados de seus romances e novelas faziam igualmente parte do entretenimento do público brasileiro da época. Seu nome era recorrente nas páginas dos periódicos que aqui circulavam, sendo ele amplamente reconhecido pela imprensa do nosso país, que o via como um dos grandes intelectuais de seu tempo.

O mapeamento da circulação da obra de Bourget revelou uma considerável variedade de títulos do escritor francês no Brasil. Romances e novelas como *Mensonges*, *Un Cœur de femme*, *André Cornelis*, *Cosmopolis*, e mesmo sua produção como crítico, nos seus *Essais de psychologie contemporaine*, apareciam nos periódicos brasileiros da época. No entanto, *Le Disciple* foi a obra que mais se destacou numericamente na catalogação por nós efetuada: das 9.089 ocorrências do nome de Bourget encontradas no mapeamento, 2.728 são relacionadas ao romance.

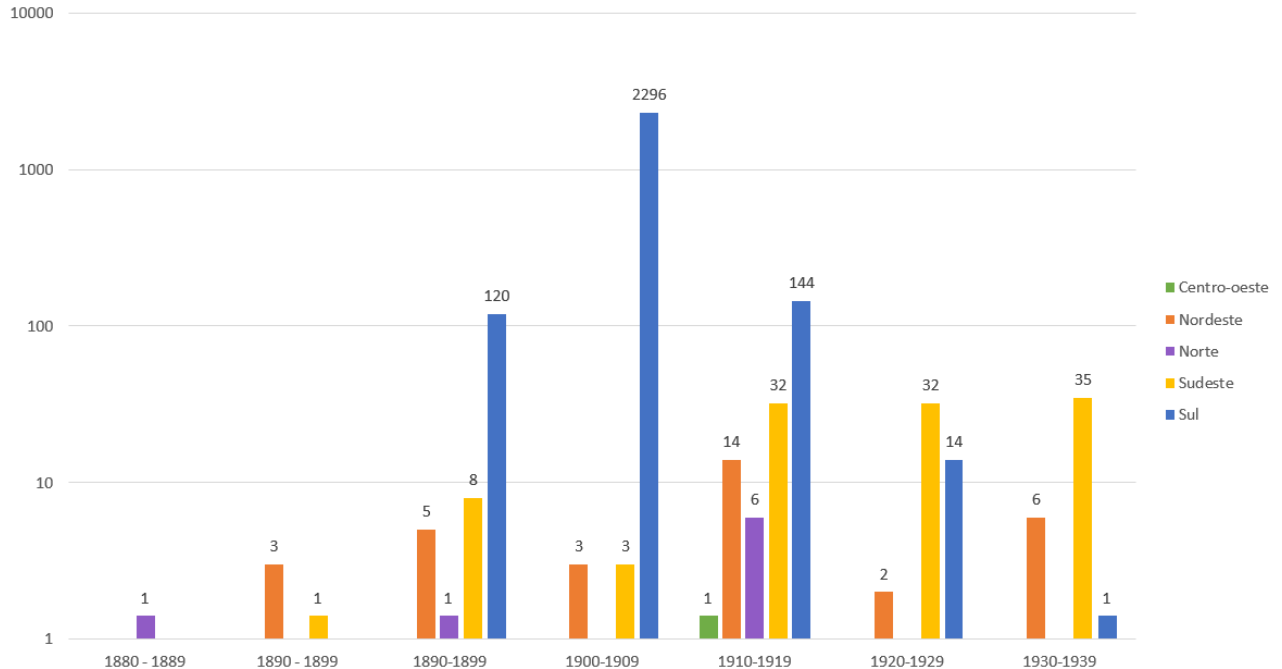
---

<sup>9</sup> Digitalizados e disponibilizados na Hemeroteca Digital Brasileira da Fundação Biblioteca Nacional (<http://bndigital.bn.gov/hemeroteca-digital/>).

<sup>10</sup> Recorte temporal escolhido em função do período durante o qual Paul Bourget teve obras publicadas em vida: de 1872 (ano da primeira publicação de Paul Bourget, na França) a 1935 (ano de sua morte). Os períodos foram arredondados seguindo a configuração em décadas da ferramenta de busca do site da Hemeroteca Digital Brasileira.

No Brasil, *Le Disciple* circulou principalmente em sua língua original, o francês, e em traduções para o português, com o título *O discípulo*. Também foram encontrados, no jornal de São Paulo *Il Pasquino Coloniale* – em oito edições, publicadas entre 29 de maio de 1920 e 23 de abril de 1921 – anúncios de venda do livro *Il discepolo*, uma tradução em italiano do romance de Bourget. O volume estava disponível para compra na livraria do próprio jornal, que possuía uma empresa tipográfica.

Dos 21 estados mapeados – seguindo a divisão territorial brasileira estabelecida pelo IBGE em 1969 (AC, AL, AM, BA, CE, ES, GO, MA, MG, MT, PA, PB, PE, PI, PR, RJ, RN, RS, SC, SE e SP) –, ocorrências relacionadas a *Le Disciple/O discípulo* foram encontradas em 12 deles, distribuídas da seguinte maneira: 6 no Amazonas, 7 na Bahia, 1 no Ceará, 6 no Maranhão, 1 em Minas Gerais, 1 no Mato Grosso, 2 no Pará, 19 no Pernambuco, 1 no Paraná, 93 no Rio de Janeiro, 2.574 no Rio Grande do Sul e 17 em São Paulo. Portanto, podemos dizer que o romance circulou pelas cinco regiões do Brasil (Figura 4), com grande concentração no eixo Sul-Sudeste, principalmente no estado do Rio Grande do Sul.



**Figura 4: Distribuição das ocorrências relacionadas a *Le Disciple/O discípulo* por década e estado.**

#### 4.1. *O discípulo* e *A Federação gaúcha*

Como é possível perceber no último parágrafo da seção anterior e pela Figura 4, o Rio Grande do Sul apresentou uma quantidade atípica de ocorrências relacionadas ao romance – quantidade que representa, aproximadamente, 23% de todas as publicações dos periódicos verificados no mapeamento da circulação de Bourget no Brasil. Das 2.574 ocorrências do estado do Rio Grande do Sul, 2.561 saíram no jornal *A Federação*, de Porto Alegre. Essa extraordinária quantidade é formada, em grande maioria, por dois anúncios que se repetem quase diariamente, por vinte e quatro anos, ao longo do período entre 5 de março de 1891 e 3 de janeiro de 1915. Ambos anunciam *O discípulo*, isto é, a tradução de *Le Disciple* em português, em volume, mas um deles é propaganda para venda de livros e o outro é divulgação de brindes para assinantes do periódico. Há, ainda, um terceiro anúncio, que aparece nos últimos anos catalogados, para promover uma queima de estoque (com livros pela metade do preço, de 1\$000 por 500\$ réis). Os anúncios de venda trazem o nome do próprio jornal como livraria.

Cabe acrescentar que *A Federação* já havia publicado *O discípulo* em folhetim anteriormente. A tradução do romance, realizada por Matheus de Magalhães, começou a sair no jornal, provavelmente, em novembro de 1890. Não é possível informar a data correta da estreia do folhetim no periódico porque as edições de *A Federação* publicadas entre 1º de julho e 31 de dezembro de 1890 não estão digitalizadas e disponíveis na Hemeroteca – a publicação do dia 1º de janeiro de 1891, primeira a ser detectada na catalogação, representa a 44ª parte do texto, apresentando o quinto capítulo do romance. A última parte de *O discípulo* saiu na edição nº 22 do jornal, no dia 26 de janeiro de 1891. Em pouco menos de três meses, o jornal começaria as inúmeras publicações dos anúncios em questão.

Com tantas ocorrências dos mesmos tipos, somadas à publicação em folhetim feita pelo *A Federação*, levantamos a hipótese de que o jornal fosse a própria gráfica-editora que produzia os livros anunciados. Assim, jornal e editora disponibilizam romances primeiramente lançados no folhetim e depois publicados pela empresa em formato de volume, estando disponível tanto para venda no local quanto como brinde para o assinante.

Não era excepcional que os periódicos realizassem impressões de outros tipos além do jornal, ou revista. Como explicou Odair Santana Júnior em sua Dissertação de Mestrado, conforme a demanda do público crescia, os jornais precisavam investir em tecnologia e maquinário para melhorar seus rendimentos. Com prensas produzindo mais páginas em menos tempo, os jornais entenderam que poderiam lucrar ainda mais se utilizassem as chamadas “horas ociosas” das tipografias para outros fins (SANTANA JÚNIOR, 2017).

A notícia publicada no dia 18 de setembro de 1884, na edição nº 215 do jornal – bem como os reclames de cartões de visita dos mais diversos tipos ofertados pelo jornal, comuns em sua seção de anúncios –, comprova que a prática descrita acima acontecia também na tipografia de *A Federação*:

TRABALHOS TIPOGRÁFICOS. As oficinas da *Federação* estão montadas de maneira a poderem atender a toda a classe de trabalhos tipográficos. Das casas de Deberny & C. e de Beaudouire & C., de Paris, recebemos o que há de mais moderno em letras, simples, de adorno e fantasia, vinhetas e mais material indispensável a impressões de toda a classe. Na prensa Utile, de Marinoni – a única que existe na província – a impressão faz-se com a maior nitidez. Um excelente motor sistema alemão, aperfeiçoado pelos fabricantes, em Paris, move as máquinas de impressão sendo rápido todo o serviço.

O caso do romance de Bourget, vendido barato a 1\$000 réis o volume (preço que ainda foi abaixado com o tempo), aponta para a probabilidade de ele ter sido lido em dois suportes (folhetim e livro) por um bom número de leitores e assinantes do jornal, estando disponível para consumo por um longo período. Responsável pela tradução, impressão e distribuição de *O discípulo*, e tendo gerado a maior quantidade de ocorrências de toda a catalogação, o jornal *A Federação*, na figura de seus editores, pode ser visto como um dos grandes agentes responsáveis pela divulgação desta obra não só na Região Sul, mas no Brasil. Eles são os chamados *mediadores culturais*, segundo Ahmed Silem (2005), isto é, aqueles que atuam na difusão e apropriação de bens culturais.

*O discípulo* também parece ter tido certa importância para o jornal gaúcho, visto que a obra foi lembrada na edição nº 1 comemorativa de 41 anos de *A Federação*, publicada no dia primeiro de janeiro de 1925. Para contar sua história, o periódico deu destaque ao romance de Bourget, mencionando-o junto de apenas três outros títulos selecionados pela elogiosa coluna: *Salammbô*, de Gustave Flaubert, *Capitão Satanaz*, de Leon Gallet e *Cyrano de Bergerac*, de Edmond Rostand – folhetins que eles haviam publicado.

#### **4.2. Circulação do romance impresso**

O estado do Rio Grande do Sul certamente concentrou a maior quantidade de ocorrências relacionadas a *Le Disciple/O discípulo* no Brasil, mas a circulação do romance não se limitou ao território gaúcho, nem ao formato de texto impresso. Além do folhetim e do livro



publicados pelo jornal *A Federação*, a obra também teve outras edições em volume e uma adaptação para o cinema, que foi exibida em salas de diferentes estados brasileiros.

Antes de abordar outros locais, vale acrescentar que no Rio Grande do Sul foram encontradas, ainda, outras livrarias vendendo o romance em volume: a Livraria Americana, a Livraria do Globo e a Livraria Universal. Não é possível afirmar se as versões eram iguais às de *A Federação* ou se foram traduções e edições diferentes, mas alguns dos anúncios, apesar de serem de outros estabelecimentos, foram divulgados nesse jornal. Além de *A Federação*, outros periódicos que continham anúncios de *O discípulo* à venda em livrarias do Rio Grande do Sul foram o jornal *Ilustração Pelotense*, de Pelotas, e o *Almanak Literário e Estatístico*, de Porto Alegre.

Da Livraria Americana e da Livraria do Globo foram encontrados apenas um anúncio de cada. Em 1915, a Livraria Americana estava vendendo *O discípulo* por 2\$000 réis. No anúncio, publicado na edição nº 27 do *Almanak Litterario e Estatistico*, incluíram uma recomendação: “Esta obra deve ser lida por todos aqueles que apreciam a boa moral”, fazendo, curiosamente, juízo de valor sobre a tese do romance e não sobre sua qualidade artística. No ano seguinte, a Livraria do Globo também vendia o romance de Paul Bourget. O anúncio (Figura 5), encontrado também em *A Federação*, ocupava uma página inteira, com o extenso catálogo do estoque da livraria. Na seção “Livros Franceses”, dez livros de Bourget eram ofertados por valores que variavam entre 7\$500 réis e 4\$500 réis por volume. *Le Disciple*, na versão original em francês, podia ser adquirido no estabelecimento por 5\$000 réis. Esses valores mais altos podem indicar que são edições de melhor qualidade, não brochadas, não devendo ser a mesma do jornal *A Federação*.

# Relação de parte do stock de livros á venda

## NA

# LIVRARIA DO GLOBO

### DE

## L. P. Barcellos & C.<sup>ia</sup>

ANDRADAS, 272 PORTO ALEGRE

MAPAS ANTICOROS		MEDICINA E VETERINARIA		LIVROS FRANCISOS	
1. Atlas de mapas	2000	1. Anatomia humana	4000	1. Atlas de anatomia humana	4000
2. Atlas de geografia	2500	2. Anatomia veterinaria	3500	2. Atlas de geografia	2500
3. Atlas de historia natural	3000	3. Anatomia comparada	3000	3. Atlas de historia natural	3000
4. Atlas de botanica	1500	4. Anatomia da vida	2500	4. Atlas de botanica	1500
5. Atlas de zoologia	1500	5. Anatomia da morte	2000	5. Atlas de zoologia	1500
6. Atlas de mineralogia	1000	6. Anatomia da vida e da morte	1500	6. Atlas de mineralogia	1000
7. Atlas de geologia	1000	7. Anatomia da vida e da morte	1000	7. Atlas de geologia	1000
8. Atlas de meteorologia	500	8. Anatomia da vida e da morte	500	8. Atlas de meteorologia	500
9. Atlas de astronomia	500	9. Anatomia da vida e da morte	500	9. Atlas de astronomia	500
10. Atlas de cosmografia	500	10. Anatomia da vida e da morte	500	10. Atlas de cosmografia	500
11. Atlas de topografia	500	11. Anatomia da vida e da morte	500	11. Atlas de topografia	500
12. Atlas de cartografia	500	12. Anatomia da vida e da morte	500	12. Atlas de cartografia	500
13. Atlas de hidrografia	500	13. Anatomia da vida e da morte	500	13. Atlas de hidrografia	500
14. Atlas de oceanografia	500	14. Anatomia da vida e da morte	500	14. Atlas de oceanografia	500
15. Atlas de climatologia	500	15. Anatomia da vida e da morte	500	15. Atlas de climatologia	500
16. Atlas de geografia fisica	500	16. Anatomia da vida e da morte	500	16. Atlas de geografia fisica	500
17. Atlas de geografia humana	500	17. Anatomia da vida e da morte	500	17. Atlas de geografia humana	500
18. Atlas de geografia economica	500	18. Anatomia da vida e da morte	500	18. Atlas de geografia economica	500
19. Atlas de geografia politica	500	19. Anatomia da vida e da morte	500	19. Atlas de geografia politica	500
20. Atlas de geografia social	500	20. Anatomia da vida e da morte	500	20. Atlas de geografia social	500
21. Atlas de geografia cultural	500	21. Anatomia da vida e da morte	500	21. Atlas de geografia cultural	500
22. Atlas de geografia religiosa	500	22. Anatomia da vida e da morte	500	22. Atlas de geografia religiosa	500
23. Atlas de geografia linguistica	500	23. Anatomia da vida e da morte	500	23. Atlas de geografia linguistica	500
24. Atlas de geografia etnologica	500	24. Anatomia da vida e da morte	500	24. Atlas de geografia etnologica	500
25. Atlas de geografia antropologica	500	25. Anatomia da vida e da morte	500	25. Atlas de geografia antropologica	500
26. Atlas de geografia demografica	500	26. Anatomia da vida e da morte	500	26. Atlas de geografia demografica	500
27. Atlas de geografia estatistica	500	27. Anatomia da vida e da morte	500	27. Atlas de geografia estatistica	500
28. Atlas de geografia sociologica	500	28. Anatomia da vida e da morte	500	28. Atlas de geografia sociologica	500
29. Atlas de geografia psicologica	500	29. Anatomia da vida e da morte	500	29. Atlas de geografia psicologica	500
30. Atlas de geografia pedagogica	500	30. Anatomia da vida e da morte	500	30. Atlas de geografia pedagogica	500
31. Atlas de geografia pedagogica	500	31. Anatomia da vida e da morte	500	31. Atlas de geografia pedagogica	500
32. Atlas de geografia pedagogica	500	32. Anatomia da vida e da morte	500	32. Atlas de geografia pedagogica	500
33. Atlas de geografia pedagogica	500	33. Anatomia da vida e da morte	500	33. Atlas de geografia pedagogica	500
34. Atlas de geografia pedagogica	500	34. Anatomia da vida e da morte	500	34. Atlas de geografia pedagogica	500
35. Atlas de geografia pedagogica	500	35. Anatomia da vida e da morte	500	35. Atlas de geografia pedagogica	500
36. Atlas de geografia pedagogica	500	36. Anatomia da vida e da morte	500	36. Atlas de geografia pedagogica	500
37. Atlas de geografia pedagogica	500	37. Anatomia da vida e da morte	500	37. Atlas de geografia pedagogica	500
38. Atlas de geografia pedagogica	500	38. Anatomia da vida e da morte	500	38. Atlas de geografia pedagogica	500
39. Atlas de geografia pedagogica	500	39. Anatomia da vida e da morte	500	39. Atlas de geografia pedagogica	500
40. Atlas de geografia pedagogica	500	40. Anatomia da vida e da morte	500	40. Atlas de geografia pedagogica	500
41. Atlas de geografia pedagogica	500	41. Anatomia da vida e da morte	500	41. Atlas de geografia pedagogica	500
42. Atlas de geografia pedagogica	500	42. Anatomia da vida e da morte	500	42. Atlas de geografia pedagogica	500
43. Atlas de geografia pedagogica	500	43. Anatomia da vida e da morte	500	43. Atlas de geografia pedagogica	500
44. Atlas de geografia pedagogica	500	44. Anatomia da vida e da morte	500	44. Atlas de geografia pedagogica	500
45. Atlas de geografia pedagogica	500	45. Anatomia da vida e da morte	500	45. Atlas de geografia pedagogica	500
46. Atlas de geografia pedagogica	500	46. Anatomia da vida e da morte	500	46. Atlas de geografia pedagogica	500
47. Atlas de geografia pedagogica	500	47. Anatomia da vida e da morte	500	47. Atlas de geografia pedagogica	500
48. Atlas de geografia pedagogica	500	48. Anatomia da vida e da morte	500	48. Atlas de geografia pedagogica	500
49. Atlas de geografia pedagogica	500	49. Anatomia da vida e da morte	500	49. Atlas de geografia pedagogica	500
50. Atlas de geografia pedagogica	500	50. Anatomia da vida e da morte	500	50. Atlas de geografia pedagogica	500

DIRIGIR PEDIDOS E VALES Á

## "LIVRARIA DO GLOBO"

As expedições pelo correio são acrescidas de 10 % relativo ao porte

Figura 5: Anúncio da Livraria do Globo. A Federação edição n° 1, 01/01/1916, p. 13.

A Livraria Universal tinha anúncios tanto em *A Federação*, em 1914, quanto no *Ilustração Pelotense*, em 1923 e 1925. Os anúncios de 1914 podem ser divididos em dois tipos: em um deles, publicados ao longo de março daquele ano, a livraria estava vendendo *O discípulo* por 3\$00 réis; no outro tipo, saídos em setembro e novembro, a Universal oferecia o romance com o título em francês, *Le Disciple*, por 1\$500 réis, edição da Collection Nelson – coleção mencionada na seção 3, sua presença no Brasil reforça a visão de Autin (1930), apresentada na mesma seção, sobre seu caráter de difusão internacional.

No quinzenal *Ilustração Pelotense*, a Livraria Universal anunciou a obra em dois anos diferentes. Os reclames de 1923, publicados em todas as edições entre junho e setembro (exceto

a segunda deste último mês), anunciavam *Le Disciple*, junto com outro romance de Bourget, *La Geôle*, por 7\$000 réis. Em 1925, os anúncios apareceram na primeira edição de março, nas duas de abril e na primeira de maio. Nestes, *O discípulo*, na edição com tradução e prefácio de José de Freitas Bragança, era vendido por 5\$000 réis.

Ainda sobre o romance em volume, mas em outras partes do Brasil: foram achados anúncios de livros em livrarias, em leilões e em bibliotecas no estado do Rio de Janeiro; e a tradução italiana do romance em uma livraria do estado de São Paulo. *Il discepolo* foi a única edição da obra encontrada em território paulista. Como anunciado pelo *Il Pasquino Coloniale* (Figura 6), que também era escrito em italiano, em reclames publicados entre maio de 1920 e abril de 1921, ele estava disponível na livraria do periódico – em mais um caso de aproveitamento das horas ociosas de uma tipografia de jornal, provavelmente – com outros romances de Bourget por 1\$500 réis.

# Libreria del "Pasquino Coloniale,"

Rua 25 de Março, 15 (vicino al Ponte do Carmo) - Telefono, Central - 2741 - Caixa postal, 927

## CATALOGO PARZIALE

Le ordinazioni per la città possono essere fatte per telefono. Le ordinazioni dell' interno debbono essere accompagnate dal relativo importo.  
**Per l' interno i prezzi aumentano del 10 per oio**

**Importante** — In vista delle rapide vendite che facciamo delle opere annunciate, preghiamo i clienti dell' interno di indicare sempre qualche opera in più per sostituire quelle che eventualmente fossero esaurite al ricevere l'ordinazione.

**Tutte le settimane riceviamo novità - La nostra libreria è appena all' inizio - Abbiamo in viaggio oltre 300.000 volumi**

<p>Andreotti L. — Sotto il giogo della guerra 1.800          — L'ozio ed altre novelle 1.800          Arzuffi — La bambola 1.500          — Il matrimonio del secolo 1.500          Albertini — Ora e sempre 1.500          — Il diavolo nell'impole 1.800          — Amore e Amore 1.000          — Il vecchio rosso 3.000          Anastasi — La rivale 1.500          — La vittoria—La sconfitta 1.500          Adams G. — La capanna e il tuo core 1.500          Averano — Il pasticcio 5.000          Antonelli L. — Il sereno, le lotte e l'amore 3.000          — Il pasticcio e la bambola 1.500          Angeli D. — Il Costi morale 2.400          Agnolotti — Del Giardino Flavono 1.500          Barbazono P. — Commenti al libro di le fate 1.800          Balzano — Storia dei fratelli — La pelle di aglio 2.000          — Il rivale pedale (2 v.) 3.000          — Salsolati e miniere di corallo 1.500          — Menzogne di due giovani sposi 1.500          — Piccole scene della vita coniugale 1.500          — Caso di stupro 1.500          — Il figlio maledetto 1.500          — Egnaa Conoid 1.500          — Porosa—Il umto di Tora 1.500          — Cesare Brato 1.500          — Giovanna la padella 1.500          — Orada Mirant 1.500          — Vauito 1.500          — Il colpo Pans 1.500          — La verga Betta 1.500          Barbasso II. — Chiaroza 2.700          — Ci risate 2.400          — L'infame 2.400          — Il fuoco 2.700          Belli P. — L'ultimo garibaldino 3.000          Bachi-Sonigli V. — L'aval infante 1.500          Bario U. — Socrate (Serse) 1.000          Sem Bonelli — La casa della balli 3.000          — L' amore dei tre 3.000          — Tagola 3.000          — Il mendiaccio 3.000          — Rappresaglia 3.000          — La gonnola 3.000          — Le nozze dei Cesari 3.000          — L'altra 2.400          — La passione d'Italia 3.000          — Parve di battaglia 3.000          Bivotti — Racconti parati 1.500</p>	<p>Bonazzi B. — Le vic della ricchezza 1.000          Barilli A. G. — Re di cuori 1.500          — Tino, Cato e Semproio 1.500          — Il tenore di Colocada 1.800          — La spada di fuoco 1.500          — La Castellana 1.500          — Manzi Tati 1.500          — L'undecimo comandamento 1.500          — Il primo maledetto 1.500          — Rosa di Gerico 1.500          — Dalla rupe 1.500          — Tra cielo e terra 1.500          — Un giardino di Dio 1.500          — For di Modesto 1.500          — La bella Graziana 1.500          — La donna di piccole 1.500          — Per dion 1.500          — Dinnate nero 1.500          — Serio Cerillo 1.500          — Castel Cavone 1.500          — Terra vergine 1.500          — La molanera (2 vol) 3.000          — I mesi e i mesi (2 vol) 3.000          — Il conio rosso 1.500          — Scrittura 1.500          — La due Beatrice 1.500          — Il bisbetismo 1.500          — La comedia di Alessandro 1.500          — I figli del cielo 1.500          — La spada di fuoco 1.500          — La bella Graziana 1.500          — Fior di masetto 1.500          — Il serio buono 1.500          — Cuore di ferro e Cuorduro (2 vol) 3.000          — Carlini Dobra 1.500          — La signora Autari 1.500          — Raggio di Dio 1.500          — O' Italia e sulla 1.500          — Calera 1.500          — Arrigo il sarto 1.500          — Corvia greca 1.500          Bechi G. — Il cavaliere Trastevere 3.000          — Le nozze rosse 3.000          Beltramelli A. — La signa vent'annata 1.800          — Gli uomini rossi 1.500          — I ortognotti 1.500          — L'alterno viorata 3.000          — Le nozze della guerra 3.000          — Lara Perusa 3.000          — Il castico 3.000          Beyerlein — Il cavaliere di Cuvati 1.500          Bellamy — Nell'anno 2.000 1.500          Bernani E. — Sonni d'intra 1.800          Bial M. — La coragata 3.000          Bolto C. — Storielle vane 1.500          Bonardi A. — Cecilia Fortini 3.000          Bondola — La tua colpa 3.000</p>	<p>Bruno Roberto — Testio ogni volume 3.200          Bourget P. — Il discepolo 1.500          — <del>Monna Comata</del> 2.200          — Monna 1.500          — L'irresistibile 1.500          — L'irresistibile 1.500          Boutempe M. — Amore 2.200          — I sette seri 2.100          — Sociale moderne 3.000          — Dineetti vivi 3.000          Berracchi Giovi. — A fior di sileno (triche) 2.500          — Alle angeli (triche) 2.500          — Il canzoniere delle alpi 2.500          — Dineetti vivi 2.500          Brocchi Virgilio — Mil 3.600          — Le squie 3.000          — La Gioconda 3.000          — I senili della vita 3.000          — Il labialio 3.000          — La casa del diavolo 3.000          — Secondo il cor mio 3.000          — L'Amore bellino 3.000          — L'isola sonante 3.000          — La bottega degli accendoli 3.000          Buzal P. — La luminaria 2.400          — Il bal cadavere 3.000          Calzati R. — La vedova scaltra 1.800          Caprin — Storie di peccati diavoli 1.500          Capuzza L. — Il benefattore 1.800          — La volupà di crese 3.000          — Passa l'amore 3.000          — Rassegnazione 3.000          — Scerzini 2.400          Casanova — Menarie 3.000          Castelnovo E. — I Castigli 3.000          Vareda 2.500          — Il ritorno dell'Archano 2.500          — Noce d'oro 2.500          — Troppo amala 3.000          — Il ballo di una donna oro 2.500          — Il professor Romaldo 2.200          Casotto L. — Il diavolo sa nascondere 1.800          Conway — Novelle 1.500          Capranica — Re Manfredi 4.500          (3 vol) 4.500          Calandra R. — La stercora 1.500          — Vecchio Piesoule 1.500          — Galateo 1.500          — La felice 1.500          — A guerra esperta 1.500          Corticelli — Via latina 1.500          — L'insuperabile 1.500          — Calera 1.500          — Per vendette 1.500          — Il mio delitto 1.500          — Casa altri 1.500          Carlini — Per la stanza nostra 1.500          Casalei — La giustizia 1.800</p>	<p>Caputo Giovi. — Il mio canto all'opera 2.100          Conti A. — Nell'Isola Baccanica 2.100          Carriggi A. — Il Vangelo della ricchezza 2.000          Chianini P. — Bisarri e i suoi tempi 1.000          Oervuati — Don Chisciotte ovvero la Bestia Comenta 1.500          Carra C. — Dilara metafisica 2.500          Cozo — Zoologia popolare 1.000          Chiarantini P. — Problemi dell'Alto Adige 1.600          Civitani G. — La stila con idole 1.800          — I senili e le nozze 3.000          Clugli — Che avrebbe fatto Marchiselli se fosse stato designato a Parigi 1.000          Campana M. — Perché ho ucciso 1.800          Cloguani — Sri storielle di nuova coria 1.500          — Cente di senonanza 1.500          Chigelli — Il figlio vanto 3.000          Cristof Frasson — Pensieri e Profete 3.000          — Politica estera 4.800          — Caratteri internazionali 6.400          — Lettere dall'Asia 3.000          — La prima guerra d'Abiss 4.400          Corra B. — Bellellie 2.400          — Perché ho ucciso mia moglie 2.100          — Le famiglie insommate 2.400          — Io ho 2.700          Castelnova — Villa Orsini 1.500          — Il fuoco delle contras Savine 1.500          — Il dolce far niente 1.500          — Il noccolo di Sant'Alipio 1.500          — Sotto i ligusti 1.500          — La famiglia Bonafazio 1.500          Clarette — Nara 1.500          Chiarazzo P. A. — Il festo mio 7.200          Dio Santita — Seggi critici (3 vol) 4.500          — Storia della letteratura italiana (2 vol) 4.000          Di Lomato B. — Le virgoze 3.300          Di Donio M. — La fantasia che tempo 3.600          — Una moglie 3.000          — La face di donami 3.000          — Conoscazioni 1.800          — I Bonelli 2.200          De Maj B. — Signorine di stiva 2.400          — Madri nell'ombra 3.600          — Piccolo esploratore va 3.000</p>
--	--	--	---

Figura 6: Anúncio da Livraria. *Il Pasquino Coloniale*, edição nº 658, 29/05/1920, p. 4.

O estado do Rio de Janeiro, por sua vez, apresentou uma maior variedade de meios de obtenção do livro. Os habitantes da cidade do Rio de Janeiro podiam comprar *Le Disciple* na Livraria João Martins, por 1\$200 réis, como anunciado em 12 de fevereiro de 1906, edição nº 43, ou a versão ilustrada por 1\$400 réis, segundo o anúncio de seis de maio de 1912, edição nº 126, ambos publicados no *Jornal do Commercio*. A Livraria Quaresma também oferecia, em um anúncio de 26 de novembro 1926, na edição nº 2443 d'*O Jornal*, a edição de Freitas Bragança, como a Livraria Universal do Rio Grande do Sul, dessa vez por 7\$000 réis. Outra maneira de adquirir o livro era em leilões, como os anunciados por J. Lages, em 14 de fevereiro de 1913, edição nº 44, e por Virgílio, no dia 8 de julho de 1917, edição nº 188, ambos os anúncios publicados no *Jornal do Commercio*. O romance podia ser encontrado, ainda, em bibliotecas, como a da Associação Brasileira de Imprensa, conforme noticiado pelo *Jornal do Brasil*, na edição nº 187, no dia 6 de agosto de 1925.

Sobre a circulação do romance de Bourget nos outros estados do país, apesar de não terem sido descobertos anúncios que deixassem explícitas a presença de *Le Disciple/O discípulo* em volume, seja em livrarias, leilões, bibliotecas ou gabinetes de leitura, não se pode afirmar com certeza que o livro não chegou em outras partes do território brasileiro, principalmente porque algumas das propagandas de livraria recolhidas durante a catalogação anunciavam “obras de Bourget”, mas não especificavam os títulos disponíveis.

### **4.3. O discípulo nas telas brasileiras**

Em 1917, *Le Disciple* virou filme. A transmediação do romance para a versão cinematográfica foi feita pela produtora italiana Turim Corona Films, com direção de Giuseppe Giusti, e ganhou o título italiano *Il Discepolo*. Um cartaz de divulgação do filme (Figura 7) anuncia:

A Corona Films de Turim está produzindo *O discípulo*. Adaptação cinematográfica do célebre romance de Paul Bourget (da Academia Francesa). Admirável interpretação de Fabienne Fabrèges. Pela primeira vez o cinema une o nome de um autor de tão alta fama e o de uma tão magnífica interprete. Luxuosa encenação.

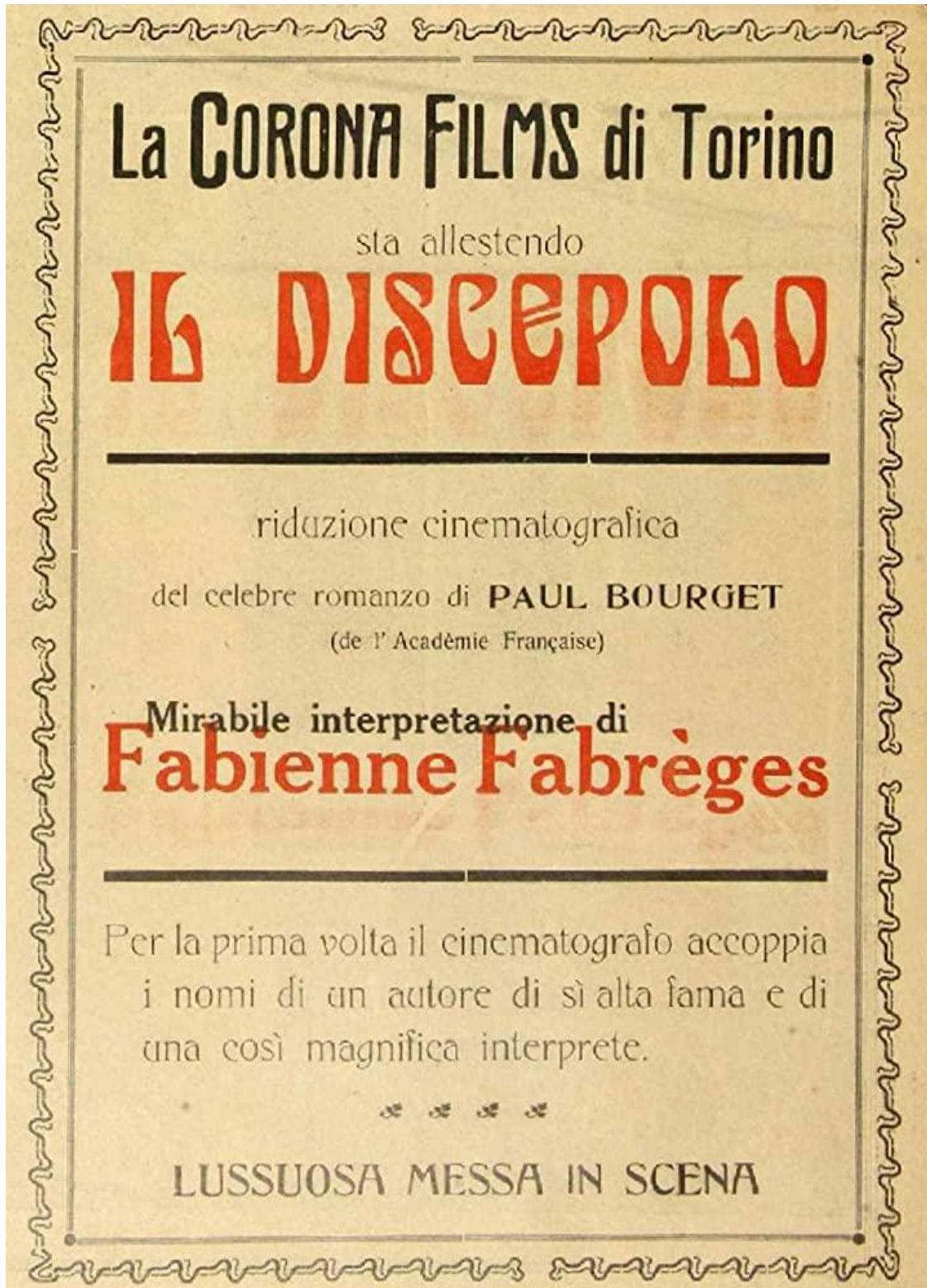


Figura 7: Cartaz de lançamento do filme *Il Discepolo*, de 1917. Fonte: IMDB<sup>11</sup>.

<sup>11</sup> Disponível em: <<https://www.imdb.com/title/tt1062264/mediaviewer/rm1293726977>> Acesso em 10 de agosto de 2020.

O filme, bem como o romance impresso, não teve sua circulação limitada pelas fronteiras europeias. No Brasil, foi exibido nos estados do Amazonas, do Maranhão, de Pernambuco e do Rio de Janeiro. No Rio Grande do Sul foi encontrada, na edição nº 16 do jornal *A Federação*, do dia 18 de janeiro de 1916, uma notícia sobre a produção da adaptação, entretanto a ausência de anúncios de exibição no estado impede que se afirme que alguma sessão do filme tenha lá ocorrido.

No estado do Amazonas, os anúncios de cinema encontrados foram publicados entre os dias 25 e 28 de outubro de 1917, nos jornais *A Capital* e *Jornal do Commercio* (Figura 8)<sup>12</sup>. As exhibições aconteceram nos cinemas Odeon e Polytheama, em Manaus, geralmente uma por dia, durante o período da publicação dos anúncios. No Maranhão, os anúncios saíram em apenas dois dias, 26 e 27 de dezembro de 1917, nos jornais *Pacotilha* (Figura 9) e *O Jornal*<sup>13</sup>. O filme foi exibido no dia 27, no Cinema Teatro São Luís, na capital do estado. No Rio de Janeiro, os anúncios publicados entre os dias 24 e 29 de abril de 1917, nos periódicos *O Imparcial*, *Lanterna*, *A Noite*, *Jornal do Commercio*, *A Época* (Figura 10) e *Correio da Manhã*<sup>14</sup> apontam que o filme foi exibido nos cinemas Ideal e Cine-Palais.



Figura 8: Anúncio do filme *O discípulo* no Polytheama, do Amazonas. *Jornal do Commercio*, edição nº 4851, 25/10/1917, p. 4.

<sup>12</sup> No jornal *A Capital*, os anúncios saíram nos dias 27 e 28 de outubro, edições nº 102 e nº 103, respectivamente. No *Jornal do Commercio*, nos dias 25 e 29 de outubro, edições nº 4851 e nº 4852, respectivamente.

<sup>13</sup> Em *O Jornal*, o anúncio saiu no dia 27 de dezembro, edição nº 945. No jornal *Pacotilha*, nos dias 26 e 27 de dezembro, nas edições nº 304 e nº 305, respectivamente.

<sup>14</sup> No jornal *O Imparcial*, o anúncio saiu no dia 26 de abril, edição nº 1574. No jornal *Lanterna*, no dia 28 de abril, edição nº 81. No jornal *A Noite*, nos dias 24 e 25 de abril, edições nº 1921 e nº 1922, respectivamente. No *Jornal do Commercio*, no dia 28 de abril, edição nº 101. No jornal *A Época*, no dia 26 de abril, edição nº 1749. No *Correio da Manhã*, nos dias 28 e 29 de abril, nas edições nº 6638 e nº 6639, respectivamente.

**As diversões**

**Cinema Teatro S. Luís**

Figura hoje, no cartaz desta casa de diversões, o empolgante *film* "O discípulo", reprodução do conhecido romance de Paul Bourget, em 9 longos actos.

Essa película está montada com todo o rigor e os seus interpretes, dentre os quais se destaca a formosa e festejada actriz Fabienne Fabrèges, dão-lhe magnífico desempenho.

—Para domingo está anunciada a exibição de um *film* de grande sucesso—"New-York em chamas ou a invasão dos Estados Unidos", em 6 extensas partes.

Figura 9: Anúncio do filme *O discípulo* no Cinema Teatro São Luís, do Maranhão. *Pacotilha*, edição nº 305, 27/12/1917, p. 4.

**CINEMA IDEAL**

Proprietario: M. PINTO

Rua da Carioca ns. 60 e 62 — Telephone C. 1937 —

**HOJE** - Artístico e sensacional pro-gramma novo - **HOJE**

Apresentação da notavel e enebriadora artista

**FABIENNE FABRÈGES**

Na prodigiosa peça dramatica do eminente romancista e litterato  
PAUL BOURGET

**O DISCIPULO**

Figura 10: Anúncio do filme *O discípulo* no Cinema Ideal, do Rio de Janeiro. *A Época*, edição nº 1749, 26/04/1917, p. 8.

Em Pernambuco, os anúncios duraram mais tempo nos jornais, sendo publicados uma vez em março, outra em junho e seis no mês de setembro de 1917 (durante quase todo o mês, aparecendo entre os dias 5 e 23), em quatro periódicos diferentes: *Diário de Pernambuco*, *Jornal do Recife*, *Jornal Pequeno* e *A Província* (Figura 11)<sup>15</sup>. Os estabelecimentos que receberam *O discípulo* em suas salas foram o Cinema Royal, o Polytheama Pernambucano e a Casa Alberto Sestini. Damos destaque para a exibição anunciada no dia 4 de março<sup>16</sup>, que indica

<sup>15</sup> No *Diário de Pernambuco*, o anúncio saiu no dia 10 de setembro, edição nº 249. No *Jornal do Recife*, no dia 4 de março, edição nº 61. No *Jornal Pequeno*, no dia 5 de setembro, edição nº 206. No jornal *A Província*, no dia 17 de junho, edição nº 164, e nos dias 9, 11 e 23 de setembro, edições nº 248, nº 250 e nº 262, respectivamente.

<sup>16</sup> Anúncio mais antigo do filme encontrado na catalogação, não sendo excluída a possibilidade de outras exibições que não foram detectadas pela busca.

que o filme foi exibido no Brasil apenas dois meses depois de seu lançamento na Itália, em janeiro.

**CINEMA ROYAL**  
FORNECIDO PELA  
**Agencia Geral Cinematographica**  
**ALBERTO SESTINI**

Uma Noiva da Victoria 18  
Telephone 18 - Casa e rua 12-28  
Endereço telegraphico - 585PK

Casa Matriz - Rio de Janeiro  
Sucursales - St. Paulo, Porto Alegre e  
Luzia (Italia)

ENTRADA 600 réis Os maiores sucessos-Films d'arte que desafiam confrontos ENTRADA 600 réis

**HOJE Monumental successo HOJE**

**O DISCIPULO**

Um forte romance psychologico  
Uma poderosa criação de arte  
Interpretação sublime da divina e elegante

Mlle. **Fabienne Fabreges** La fee enchanteresse

O grande escriptor francez, Paul Bourget, o mais subtil psychologo da alma feminina, não podia melhor explicar, do que neste film, o seu grande talento, o seu profundo conhecimento da psychologia humana.

Que influencia pode ter na vida de uma geração o caráter de um indivíduo, como demonstra este excepcional trabalho de arte? Que consequências tem a vida de um indivíduo? Que papel desempenha o indivíduo na vida de um povo? Que papel desempenha o indivíduo na vida de um povo? Que papel desempenha o indivíduo na vida de um povo?

**A alma philosophica se sente aniquilada deante o mysterio impenetravel do Destino..**

**Os herdeiros de Dagoberto**

Magnifico Admiravel

**CONVEN NÃO ESQUECER A TRIANGLE PLAYS**

Figura 11: Anúncio do filme *O discípulo* no Cinema Royal, de Pernambuco. *A Província*, edição nº 250, 11/09/1917, p. 5.

Comparando os anúncios dos filmes no Brasil entre eles e com a tradução do anúncio italiano transcrito no começo dessa seção, nota-se que alguns elementos se repetem em todos eles. O nome da atriz principal do elenco, Fabienne Fabrèges, por exemplo, foi amplamente explorado na divulgação do filme. No anúncio do filme publicado no jornal maranhense *Pacotilha*, na edição nº 304, do dia 26 de dezembro de 2017, a atuação de Fabienne é classificada como “sublime”, e a atriz ganhou os adjetivos “divina e elegante”, com o epíteto em francês “fada encantadora”.

Na propaganda da edição nº 206 do periódico de Pernambuco *Jornal Pequeno*, do dia cinco de setembro de 1917, um epíteto similar aparece ao lado de seu nome, “fada dos cabelos dourados” (este, utilizado em outros anúncios), e sobre sua atuação, diz-se “interpretando com requintada arte o principal papel do grandioso drama” – mesmo que o protagonista de *O*



*discípulo* não seja Charlotte de Jussat, a personagem encarnada pela atriz. Alguns anúncios (Figura 12) incluíam fotos suas para atrair ainda mais o público.



Figura 12: Anúncio do filme *O discípulo* no Cine Palais, do Rio de Janeiro. *Correio da Manhã*, edição nº 6639, 29/04/1917, p. 14.

Fabienne Fabrèges (1889 - ?) foi uma atriz francesa que começou sua carreira no teatro. Depois, tornou-se atriz de cinema e foi na Itália onde mais desenvolveu sua carreira cinematográfica. Além de atuar, também foi diretora e roteirista de filmes. Os anúncios indicam que ela era famosa também no Brasil, e que era do agrado do público daqui, sendo, portanto, uma *mediadora cultural* importante. Uma propaganda do Maranhão, publicada no jornal *Pacotilha*, edição nº 305, do dia 27 de dezembro de 1917, referiu-se a ela como “famosa e

festejada”. No Rio de Janeiro, uma crítica no jornal *O Imparcial*, edição nº 1575, do dia 27 de abril também de 1917, afirmava que “todo o público conhece, de sobejo, a sra. Fabrèges”.

Entretanto, o principal elemento dos anúncios é o nome de Bourget, que foi incluído em quase todos eles. Uma notícia publicada no dia 9 de janeiro de 1917, na edição nº 08 do *Jornal do Commercio*, do Rio de Janeiro, sobre a recém-produzida adaptação do romance, que acabara de sair naquele mesmo mês, evidencia a estratégia comercial que seria utilizada nos anúncio das sessões: “O nome de Paul Bourget em um filme é o maior reclamo para a película.”

Em outro deles, publicado no Rio de Janeiro, na coluna “Cinemas” do jornal *O Imparcial*, edição nº 1574, do dia 26 de abril de 1917, ao escritor é conferida toda a motivação para se assistir ao filme: “Hoje será exibido *O discípulo*, extraído do afamado romance que passa por ser obra prima de Paul Bourget. Torna-se, pois, dispensável qualquer referência sobre o valor desse filme.” O anúncio publicado no *A Noite*, edição nº 1921, no dia 24 de abril de 1917 (Figura 14) reforça o vínculo do filme com o escritor ao dizer que Bourget teria supervisionado a adaptação cinematográfica de seu romance.

As propagandas dos cinemas quase sempre traziam o nome de Bourget, com mais ou menos destaque – geralmente, mais (Figura 13) – para anunciar o filme. Apesar de o filme não ser propriamente obra sua, pois não há indícios de que o roteiro tenha sido escrito por ele, a trama continuava fortemente ligada ao escritor e ao movimento com o qual ele se associava, como apontavam alguns anúncios que o classificavam como “romance psicológico”, como aquele encontrado no jornal pernambucano *A Província*, na edição nº 250, de 11/09/1917, ou “um estudo de psicologia social”, no anúncio do jornal *A Capital*, do Amazonas, publicado na edição nº 103, em 28/10/1917, e Bourget como “psicólogo da natureza feminina”, visto no jornal do Rio de Janeiro *A Noite*, edição nº 1921, do dia 24/04/1917.

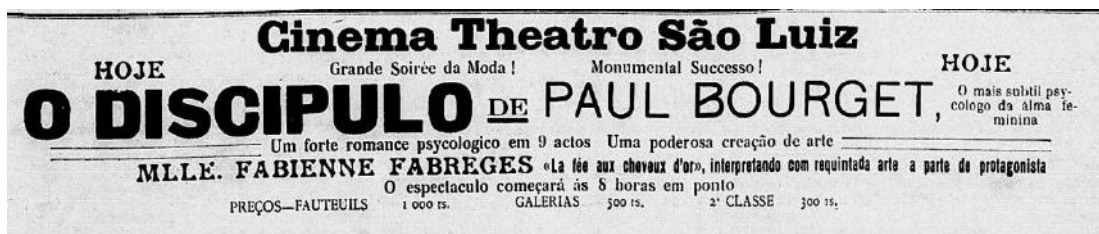


Figura 13: Anúncio do filme *O discípulo* no Cinema Theatro São Luiz, do Maranhão. *O Jornal*, edição nº 945, 27/12/1917, p. 1. Destaque para o nome de Paul Bourget.

Apesar de não estar presente em muitos dos anúncios, outro traço percebido foi um certo caráter elitista sendo valorizado. Sutil em algumas das ocorrências, como na notícia encontrada

na edição nº 250 do *A Província*, jornal pernambucano, publicada no dia 11 de setembro de 1917, na qual o periódico conta como se passou a estreia do filme na noite anterior. O texto caracteriza os espectadores como “distinta plateia” e “ilustre público”. Isto parece mais explicitamente na propaganda do Cine Palais, publicada no jornal do Rio de Janeiro *Correio da Manhã*, edição nº 6638, no dia 28 de abril de 1917. O texto do anúncio é composto em toda a sua extensão de maneira elogiosa, tratando o filme, o público e o próprio cinema com superioridade:

CINE PALAIS (Dominando sempre). Os nossos salões foram ontem o ponto de rendez-vous do escol intelectual do Rio de Janeiro, pressuroso em atestar que sabe diferenciar o joio do trigo e dar valor ao que merece. Obra de arte por todos os seus aspectos – entrecchos, encenação, interpretação – *O discípulo* triunfou além do que prevíramos e trouxe cheios os nossos salões de tudo quanto representa a elite espiritual carioca. E se parte do agrado público decorreu da criação de Paul Bourget, vulgarizada em todo o mundo pensante, um grande quinhão desses aplausos coube à sutil e delicada intérprete que o papel de Charlotte encontrou em *M<sup>lle</sup> Fabiènnè Fabrèges, la belle aux cheveux d’or*. Eis o espetáculo que estamos oferecendo aos entendidos das coisas de arte e que constitui um novo florão de glória para o Cine Palais.<sup>17</sup>

Esse traço, usado como recurso publicitário em alguns dos anúncios, remete a uma das características do romance psicológico descritas por Ponton (1975), como exposto anteriormente, na seção 3.3. Os representantes desse movimento concentravam grande capital simbólico, tendo sua formação oriunda de instituições de prestígio, fazendo parte da Academia Francesa, por exemplo, como Bourget.

Mais curioso ainda é notar que alguns anúncios lançam a discussão proposta pela tese da obra aos espectadores em potencial. No dia 24 de abril de 1917, na edição nº 1921 do jornal *A Noite*, do Rio de Janeiro, os leitores encontraram um grande anúncio do filme (Figura 14), elaborado com as informações sobre a sessão, fotos de Fabienne e de Bourget, elogios ao escritor e à atriz, no qual também se lia:

O DISCIPULO. Desenvolvendo teses do maior alcance social: – De que modo podem afetar as gerações novas as doutrinas destruidoras da moderna filosofia? – Os que propagam essas ideias não são porventura responsáveis pela disseminação de tão nociva semente?<sup>18</sup>

<sup>17</sup> *Correio da manhã*, Rio de Janeiro, 28/04/1917, edição nº 6638, p. 10.

<sup>18</sup> *A Noite*, Rio de Janeiro, 24/04/1917, edição nº 1921, p. 5.

# CINE PALAIS

Fornecido pela Agencia Geral Cinematographica  
ALBERTO SESTINI

**QUINTA-FEIRA:**

**Uma grande obra dramatica  
offerecida ao escol da intelle-  
tualidade carioca!**

## Paul Bourget

transportado pela primeira vez á  
téla cinematographica na mais nota-  
vel das suas obras.

**- Fabienne Fabrèges -**

Pela sua fina espiritualidade, foi escolhida por Bourget,  
entre todas as artistas francezas, para crear na téla o  
personagem da impulsiva e nobre amorosa que é  
CHARLOTTE DE JUSSAT.  
A formosa artista de tão poderosa genialidade, exce-  
deu porém as expectativas do Mestre pelo cunho pro-

# PAUL BOURGET



é universalmente tido como o mais subtil psychologo  
da natureza feminina. **LE DISCIPLE** é a mais  
significativa das suas obras, acha-se traduzido em todas  
as linguas, e no momento de apparecer, suscitou pole-  
micas as mais ardorosas. A versao cinematographica  
da sua creação foi superintendida pelo proprio autor.

## O DISCIPULO

**Desenvolvendo theses do maior  
alcance social:**

- De que modo podem affectar as gera-  
ções novas as doutrinas destruidoras  
de moderna philosophia?
- Os que propagam essas idéas não são  
porventura responsaveis pela dissemi-  
nação de tão nociva semente?

Seis actos de formidavel intensidade que emocio-  
nam e fazem pensar

**QUINTA-FEIRA NO**

## Cine-Palais



fundamente humano que imprimiu ao seu personagem,  
pelos attractivos pessoas de que o cercou.

Figura 14: Anúncio do filme *O discípulo* no *Cine Palais*, do Rio de Janeiro. *A Noite*, edição nº 1921, 24/04/1917, p. 5.

Não foi só no Rio de Janeiro que perceberam a relevância do debate da tese. O jornal pernambucano *A Província*, na edição nº 250, do dia 11 de setembro de 1917, também publicou um grande anúncio do filme abordando a questão da responsabilidade do autor:

Que influência pode ter na alma da nova geração o ensino de um filósofo, cujas doutrinas são essencialmente destruidoras de toda e qualquer crença? Que consequências dramáticas podem daí resultar para a vida de um discípulo que aceita cegamente essas doutrinas para delas fazer a norma de todas as suas ações?... E o que

semeia essas doutrinas não terá, porventura, a responsabilidade dos frutos detestáveis que elas têm de produzir?”<sup>19</sup>

Esses anúncios que apresentam preocupação com a tese, utilizando-a como atrativo para os espectadores, mostram que o debate iniciado em 1889 com o lançamento de *O discípulo* e de seu prólogo continuava ecoando quase 30 anos depois do outro lado do Atlântico. E que, além do tempo, a transmídiação também não foi o suficiente para encerrar a polêmica levantada por Paul Bourget em um de seus romances mais associados a seu nome.

---

<sup>19</sup> *A Província*, Rio de Janeiro, 11/09/1917, p. 5.

## 5. CONCLUSÃO

Os dados do mapeamento do romance *Le Disciple* de Paul Bourget no Brasil indicam que, além do impacto que causou na França, a obra teve grande repercussão também aqui, principalmente no Rio Grande do Sul, onde foram encontradas quantidades excepcionais de anúncios de venda e distribuição de brindes do romance em volume, tendo sido, inclusive, publicado em folhetim neste mesmo estado pelo jornal *A Federação*.

O romance também podia ser encontrado em volume em outros locais do Brasil, em livrarias, leilões e bibliotecas, em língua original ou traduzidos em português, como indicaram os anúncios de livros encontrados no Rio de Janeiro e em São Paulo – neste último foi descoberta até mesmo uma tradução em italiano. Ou seja, a circulação do romance concentrou-se nas regiões Sudeste e Sul. Contudo, outros lugares que apresentaram anúncios de obras de Bourget sem especificar títulos também podem ter sido espaços onde esse romance circulou, ao alcance de um público amplo.

Apesar de ter o papel como suporte primário (seja em livro ou em periódicos), a difusão de *Le Disciple* foi amplamente potencializada pela Sétima Arte, quando, em 1917, sua adaptação para as telas dos cinemas foi exibida em salas de diferentes estados e regiões do Brasil: Amazonas, Maranhão, Pernambuco e Rio de Janeiro. O filme podia ser visto em mais de uma sala de cinema em cada estado, exceto no Maranhão, onde parece ter sido exibido apenas no Cinema Teatro São Luís.

Além de estar presente em três regiões diferentes do país, sua disponibilidade em tantas salas de cinema aponta para uma expansão para além do público leitor de Bourget. Mesmo quem não leu *Le Disciple* ou sua tradução para o português pode ter ido assistir ao filme, tão difundido e anunciado pelos periódicos naquele ano de 1917.

As análises dos anúncios também revelam traços da recepção da obra no Brasil. A constante vinculação do filme com a obra escrita e com seu autor aponta para a importância da literatura para o cinema em suas primeiras décadas de existência, quando ainda era uma nova forma de arte em desenvolvimento. Por sua vez, a presença constante do nome de Bourget nos anúncios e as referências aos gêneros de romance que praticava mostram que o escritor era célebre e detinha forte capital simbólico internacional, tendo seu valor como intelectual reconhecido para além das fronteiras da França, provando que, como lembra Márcia Abreu, a cultura não obedece fronteiras nacionais.

Por fim, o mais interessante foi notar a importância da “tese” para a obra *Le Disciple*, ultrapassando a transmediação do romance para filme e resistindo ao tempo decorrido desde sua publicação em volume até seu aparecimento nas telas. O debate levantado por Paul Bourget em 1889 foi trazido ao texto dos anúncios brasileiros do filme, envolvendo o público na questão mesmo sem atestar a leitura do romance por parte dos espectadores.

Os anúncios dos filmes, além de instigar o espectador em potencial a participar da discussão moral, também o faziam sentir como parte de um grupo seletivo que apreciava arte. Essa atmosfera elitista de refinamento remetia ao romance psicológico e de tese e valorizava o filme, bem como as críticas elogiosas por vezes utilizadas nos anúncios para promover a venda desse bem cultural.

Tudo isso aponta para a relevância literária e cultural de Paul Bourget como elemento importante na composição do repertório de leitura do brasileiro do Oitocentos e das primeiras décadas do século XX, especialmente com o romance *Le Disciple*, uma de suas obras de grande repercussão. A reprodução da adaptação de seus filmes era parte do entretenimento do público brasileiro da época, com destaque para a transmediação de *Le Disciple*, que esteve em cartaz em várias salas de cinema pelo Brasil. Paul Bourget era nome recorrente nas páginas dos periódicos que aqui circularam, sendo amplamente reconhecido pela imprensa do nosso país. Tudo isso serve de indício para a compreensão da inserção da obra de Bourget no campo literário brasileiro em formação entre o final do século XIX e início do século XX, que o via como um dos grandes intelectuais de seu tempo, escritor fortemente ligado ao romance psicológico, mas com grande proeminência do romance de tese, principalmente no caso do romance aqui analisado.

## 6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Márcia. Uma comunidade letrada transnacional: reação aos romances na Europa e no Brasil. In: ABREU, Márcia (Org.). *Romances em movimento: a circulação transatlântica dos impressos (1789-1914)*. Campinas: UNICAMP, 2016, p. 365-394.

AUTIN, Albert. *Le Disciple de Paul Bourget*. Paris: Société Française d'Éditions Littéraires et Techniques, 1930. (Les Grands événements littéraires)

BLETON, Paul. Les fortunes médiatiques du roman populaire. In: ARTIAGA, Loïc. *Le roman populaire*. Paris : Autrement, 2008, p. 137-155. (Mémoires/Histoire)

BORIE, Jean. Esquisse d'une étude littéraire du Disciple de Paul Bourget. In: FOUGÈRE, M.-A.; SANGSUE, D. (dir.). *Avez-vous lu Paul Bourget ?* Dijon: É. U. de Dijon, 2007, p. 9 - 20.

BOURGET, Paul. *Le Disciple*. Paris: Lemerre, 1889.

BRUNETIÈRE, Ferdinand. À Propos du Disciple, de M. Paul Bourget. *Revue des Deux Mondes*. Paris, v. 94, p. 214-226, 1889.

COOPER-RICHET, Diana. Les imprimés en langue anglaise en France au XIX<sup>e</sup> siècle. In: MICHON, Jacques; MOLLIER, Jean-Yves (org.). *Les mutations du livre et de l'édition dans le monde du XVIII<sup>e</sup> siècle à l'an 2000*. Paris: l'Harmattan-Les Presses de L'Université de Laval, 2001.

FOUGÈRE, Marie-Ange. Une postérité naturaliste inavouable: le roman psychologique. In: GRENAUD-TOLSTAIN, Céline & LUMBROSO, Olivier (dir.). *Naturalisme.– vous avez dit naturalismes ?* Héritages, mutations et postérités d'un mouvement littéraire. Paris: Presses Sorbonne Nouvelle, 2016, p. 77- 86.

FRANCE, Anatole. La Morale et la science. M. Paul Bourget. *La Vie littéraire*. Paris: Calmann-Lévy, 1921, t. 3, p. 54-78.

GIRAUD, Victor. Esquisses contemporaines - Paul Bourget. *Revue des Deux Mondes*. Paris, v. 1, p. 801-836, 1911.

PONTON, Rémy. Naissance du roman psychologique. Capital culturel, capital social et stratégie littéraire à la fin du XIX<sup>e</sup> siècle. *Actes de la recherche en sciences sociales*, v. 1, n. 4, p. 66-81, juillet 1975.

SANTANA JÚNIOR, Odair Dutra. *Bastidores da literatura nas horas ociosas da tipografia do Jornal do Commercio (1827-1865)*. Dissertação (Mestrado em Letras) - Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, São José do Rio Preto, 2017.

SILEM, Ahmed. Passeur culturel et économie de marché. In: COOPER-RICHET, Diana; MOLLIER, Jean-Yves; SILEM, Ahmed. *Passeurs culturels dans le monde des médias et de l'édition en Europe (XIX<sup>e</sup>-XX<sup>e</sup> siècles)*. Lyon: Presses de l'ENSSIB, 2005, p. 301-317.

SULEIMAN, Susan. *Le Roman à thèse ou l'autorité fictive*. Paris : PUF, 1983.